

Estado agora tem Lei do Sigilo para proteger mulheres

Vítimas de violência passam a ter o direito de que dados seus cadastrados em órgãos públicos fiquem sob sigilo; especialistas acreditam que a medida vai incentivar as denúncias. [Página 5](#)

Entrevista

Ciência e tecnologia

Secretário Rubens Freire fala sobre os desafios da pasta em meio à pandemia.

[Página 4](#)



Foto: Delmer Oliveira

Geral

Uma homenagem a quem vive a pandemia na linha de frente

No Dia dos Médicos, conheça a rotina desses profissionais e os desafios que eles enfrentam com a covid-19. [Página 3](#)

Foto: Divulgação



A história ganha cores pelas mãos do artista

Emerson Caio Lira trabalha dando vida às fotos quase centenárias da Paraíba e de paraibanos; na imagem acima, o jornalista Assis Chateaubriand. [Página 17](#)

A brincadeira que resiste ao tempo

Na disputa com a tecnologia pela atenção das crianças, brinquedos de pano, madeira e lata ainda encontram espaço no coração da garotada. [Páginas 6 e 7](#)



Foto: Marcus Antonius

Kubitschek Pinheiro

Atravessando o inconsciente

“Quero ser justo. Minha mãe era crua, mas era generosa. (...) Minha mãe não sabia ler, nem escrever, e aquilo me deixava mais arrasado. Minha mãe não era um poema para ser eterno”. [Página 10](#)

Cultura

Foto: Divulgação



‘Rafameia’ Estrelado e codirigido pela atriz Mariah Teixeira, curta retrata a figura feminina e seus limites. [Página 9](#)

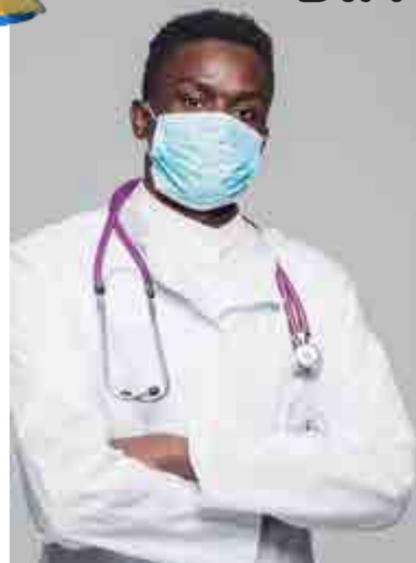
Pensar

Maneira de pensar o mundo e a vida

Professores, pensadores e estudiosos debatem os aspectos práticos da Filosofia e seu papel ao longo da história humana, inclusive à luz da pandemia de coronavírus, que parou o mundo em 2020.



18 DE OUTUBRO DIA DO MÉDICO



UMA HOMENAGEM
AOS PROFISSIONAIS
QUE DEDICAM SUAS VIDAS
A CUIDAR DAS NOSSAS.



MARKETING EPC

Editorial

Capital das águas

A orla marítima da cidade de João Pessoa é considerada uma das mais belas paisagens do litoral brasileiro, além de funcionar como uma grande piscina para a prática de esportes aquáticos, podendo ser utilizada, por exemplo, para a realização de grandes campeonatos de natação de águas abertas, associados a festivais de música, entre outras atividades culturais e desportivas.

Sem entrar no mérito dos motivos que impediram, até agora, que a capital paraibana se transformasse em um importante polo marinho de natação de longa e média distâncias, o fato é que João Pessoa tem potencial e, para os amantes dos esportes aquáticos, seria a realização de um antigo sonho testemunhar a cidade sediando eventos nacionais e internacionais.

Pois bem. A construção, no Polo Turístico Cabo Branco, de três empreendimentos de grande envergadura, a saber, o Ocean Palace Jampa: Eco Beach Resort, o Amado Bio & Spa Hotel e o Surf World Park, todos com selo internacional de qualidade, abre perspectivas inéditas, no que diz respeito ao desenvolvimento econômico, cultural e esportivo da capital.

Trata-se de uma infraestrutura com potencialidade para atrair eventos para a João Pessoa, haja vista que os três equipamentos têm tudo para impulsionar a rede de hotéis e restaurantes local para um nível que a torna atrativa para públicos que vão muito além das fronteiras da Paraíba e do Brasil. Isso sem falar que grandes investimentos puxam outro, e assim por diante.

Voltando aos esportes náuticos, João Pessoa terá, dentro de dois anos - conforme salientou, há poucos dias, o governador João Azevêdo -, a primeira grande piscina de surf do país, capacitando-se assim para realizar, por exemplo, etapas de campeonato mundial dessa modalidade esportiva. Daí para o mar, para a natação de fundo, talvez seja apenas uma questão de tempo.

O fato é que a Paraíba, com o Cabo Branco - que deixa de ser um projeto e se transforma em um polo turístico real, de características futuristas, no bom sentido da expressão -, revela-se para o Brasil e o mundo com as vestes de uma modernidade que se alicerça no ideal humano do desenvolvimento que exalta a beleza, mas que não será completo sem o fim das desigualdades sociais.

Artigo *Martinho Moreira Franco*
martinhomoreirafranco46@gmail.com

Tareco e mariola

Vocês sabiam que antontem foi o Dia do Pão. Vou mudar de pão pra bolacha. Não me criei matando fome com tareco e mariola, mas bem que esse biscoito e esse doce fizeram parte da minha formação. O biscoito, então... como não lembrar do meu pai chegando vez por outra em casa com um saco de tareco da Padaria Santista, do Ponto de Cem Réis! O velho era porteiro do Tribunal de Justiça, recebia salário que não dava para comprar biscoito como o pão nosso de cada dia, mas, em algumas sextas-feiras do mês, coincidindo com o pagamento do Estado, costumava trazer um saco de tareco para casa.

Aquilo era uma festa! Só perdia para as celebrações do Natal, quando compras desse gênero, feitas no Armazém Avenida, da esquina da Guedes Pereira com a General Osório, traziam

para a nossa mesa, além de passas e azeitonas, o soberano queijo do reino, da marca Borboleta.

A bem da verdade, não apenas as compras natalinas eram mais sortidas. Eventualmente, dependendo de benefícios e vantagens como aumento de salário e implantação de atrasados, pintavam na mesa lá de casa outras iguarias. Havia, por exemplo, o biscoito Champanhe, de formato irregularmente longilíneo e cobertura açucarada. Luxo só comparável a sortidos acondicionados em latas de flandres de embalagens caprichosamente decoradas com arabescos. Estas serviam para dar

de presente a familiares e vizinhos. E havia os próprios biscoitos sortidos, da Pilar, que sugeriam as predileções de cada um. Alguns preferiam o Maizena, outros o achocolatado, não raro os de formato de rosca. Sem contar os biscoitos Maizena, dulcíssimos.

Bom, a esta altura da coluna, há quem possa questionar, com alguma razão: "Mas será possível que Martinho esteja reescrevendo sobre biscoitos?!" Pois estou, sim. E justifico: "É minha homenagem ao pão nosso de cada dia, amém!"

// Aquilo era uma festa! Só perdia para as celebrações do Natal, quando compras desse gênero... traziam para a nossa mesa, além de passas e azeitonas, o soberano queijo do reino. //



Artigo *Sitônio Pinto*
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Do deserto profundo

Aquando eu estava escrevendo "Dom Sertão, Dona Seca", tive necessidade de consultar o livro base do livro - pois Dom Sertão é argumentado em Ibn Khaldûn, o sábio do deserto. Conheci Khaldûn na casa de praia do professor Hugo Moura numa manhã de domingo, levado pela mão do meu preceptor Vanildo Brito. Khaldûn notabilizou-se por ter estabelecido os princípios da geografia humana, da sociologia, da historiografia. Do seu livro "Os prolegômenos" disse Toynbee: "foi o que de mais importante já se escreveu em qualquer tempo e em qualquer lugar sobre qualquer coisa." E o que dizer dos doze volumes de seu "Um estudo de História"? Eles que são brancos que se entendam.

Eu precisava de uma tradução em Português ou Espanhol, pois ler os três tomos de Toynbee em Português arcaico, ou mesmo em brasileiro do século passado, não é moleza. Mas os editores esqueceram-se de Toynbee, eu tive muita dificuldade para rastrear-lo. Uma amiga minha foi quem encontrou o árabe no acervo da biblioteca de um país árabe. Os três volumes de "Os prolegômenos," em Português recente.

"Mas a senhora entregou os três volumes de uma obra rara como os Prolegômenos, esgotada, a um desconhecido? Indagou o surpreso e aflito bibliotecário da Biblioteca Osmar e Aquino, de Guarabira.

- Não se preocupe, Doutor. Ela é uma Yasbeck.

Tirei a xerox dos três tomos e fui ler o texto integral da obra que despertou meu interesse pelos deserto profundo, e devolvi os livros muito antes do prazo concedido, maravilhado em saber do prestígio e alto conceito que os Yasbeck têm no Oriente.

O livro foi laureado com três prêmios pela Academia Paraibana de Letras (APL), e mais seria se parte do espaço da APL não fosse tomado por inimigos meus, históricos e figadais.

Esta semana fui ao vizinho Recife rever pela última vez a minha amiga Yasbeck. O encontro foi no Campo de Santo Amaro. O rosto tranquilo de sempre, o xaile árabe sobre o ombro esquerdo, os olhos cerrados como redoma do horizonte. Antontem Miryam partiu um dia após o aniversário do passamento de Raymundo Yaseck Asfora, seu irmão poeta, assassinado quando ia tomar posse no cargo de vice-governador.

Santo Amaro é grande, maior do que eu pensava, menor do que eu sentia. Já fui

levar-lhe um tio muito querido, que me ensinou a letra de "Marina". Dizem que pareço com ele. Eu não sabia que era tão valente assim. Com um xaile xadrez sobre ombro é possível. O colega e camarada Euflávio estava numa entrevista de jornalistas comunistas, em Salvador, com o líder palestino Yasser Arafat. Terminado o encontro, foi distribuído um souvenir com os presentes. Mas Euflávio fez um gesto ao redor do pescoço; Arafat entendeu e lhe deu o xaile, que o camarada e conterrâneo Euflávio repassou para mim.

Foi numa cidade no Oeste da Borborema, dita Campina Grande. Dizem que o Brasil é violento, que a Paraíba é violenta, mas Campina é mais.

Ana Maria, a irmã do meio, agora é a mais antiga. Ela foi a Santo Amaro com dificuldade, porque está com Parkinson; eu sei. Tem joelhos belíssimos. Que o Parkinson não atinja tuas pernas, Ana. Mais prejudicados seríamos nós.

// O que de mais importante já se escreveu em qualquer tempo e em qualquer lugar sobre qualquer coisa. //

Humor *Domingos Sávio*
savio_fel@hotmail.com



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Dia de homenagear quem trabalha para salvar vidas

Paraíba possui 8.632 médicos; até agora, 680 deles foram infectados pela covid-19 e 15 morreram durante a pandemia

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

O Dia do Médico, celebrado hoje, é uma referência ao Dia de São Lucas, conhecido como 'Santo Padroeiro da Medicina'. Conhecida por ser uma área responsável por cuidar e promover a saúde das pessoas, a data este ano ganha força na comemoração e nas homenagens, em decorrência da pandemia do novo coronavírus, que colocou esses profissionais na linha de frente do combate à covid-19. Atualmente, na Paraíba, existem 8.632 médicos ativos, de acordo com o Conselho Regional de Medicina do Estado (CRM-PB).

Segundo o CRM-PB, do total de médicos ativos na Paraíba, 51,5% são homens e 48,5% são mulheres. E, cerca de 60% dos médicos têm especialidade registrada no Conselho Regional. "O percentual de médicos especialistas da Paraíba é semelhante à média nacional. Em 2018, o estudo Demografia Médica, produzido pelo CFM, revelou que 62,5% dos médicos brasileiros tinham o título do especialista", completou o CRM Estadual.

Durante a última semana, da quarta-feira, dia 14, até a sexta-feira, dia 16, o Conselho na Paraíba organizou diversas homenagens e atividades voltadas a esses profissionais. Acontecendo integralmente online, a programação foi transmitida através do canal do YouTube do CRM-PB, com momentos culturais, um momento dedicado a relembrar os médicos que morreram vítimas da covid-19 e também uma conferência com o tema: "Ética médica e telemedicina - o impacto da pandemia na rotina do médico", que teve a participação de André Teles,

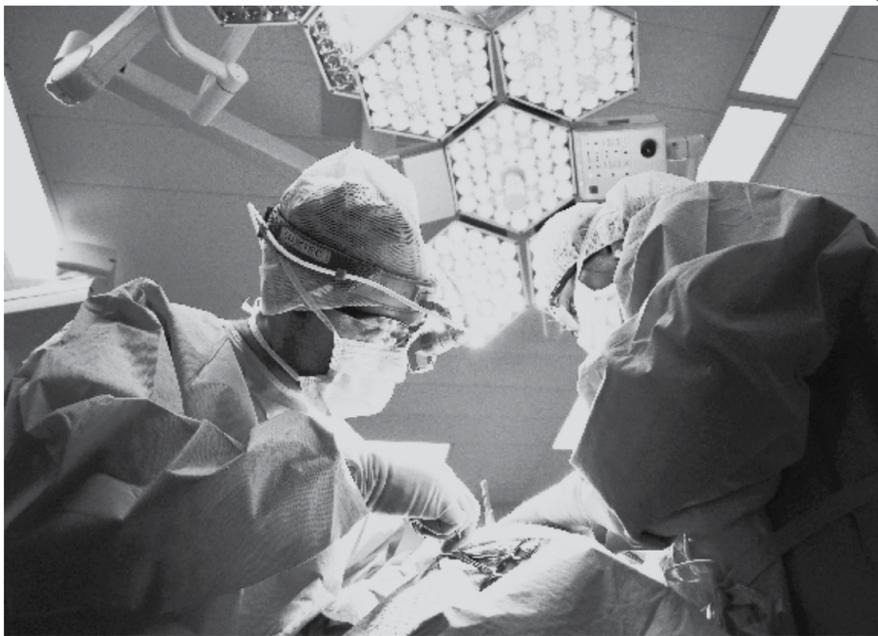


Foto: Pixabay

Profissão de médico exige muito estudo e muita doação para exercer a missão de cuidar da saúde das pessoas

médico paraibano; Eduardo Cordioli, de São Paulo; e Eduardo Neubarth, do Rio Grande do Sul.

"A pandemia de covid-19 mudou a forma de nos relacionarmos. Tivemos que nos adaptar de várias formas, inclusive aprendendo a usar novas tecnologias, para estarmos mais próximos de nossos pacientes, amigos e familiares. Este ano, comemoramos o dia do médico de forma diferente, sem estarmos juntos fisicamente, mas com o mesmo propósito: valorizar a nossa profissão, homenagear colegas e debater temas relevantes", afirmou o presidente do CRM-PB, Roberto Magliano.

O diretor do Sindicato dos Médicos do Estado da Paraíba, Tarcísio Campos, que está há mais de 20 anos atuando na área, reiterou que a data comemorativa acontece esse ano de forma especial e que, "para os profissionais de medicina, esse ano de 2020 nunca será

esquecido". Ele lembrou que todos os médicos que ficaram na front da luta foram testados e que estes, geralmente, eram chefes de equipe e, portanto, as estratégias de enfrentamento da covid-19 que eram discutidas nos comitês de crise paraibanos exigiram muito da profissão.

Ainda de acordo com Tarcísio, na Paraíba foram mais de 680 médicos infectados pelo novo coronavírus e mais de 15 morreram em decorrência da doença, até o momento. "Sem contar nas sequelas psicológicas que ficarão. Podemos perceber o quanto nossa profissão é de risco, estressante, com plantões diurnos e noturnos, muitas vezes seguidos de até 48h e muitas vezes em condições insalubres, agravadas pela pandemia, com a pressão psicológica de não conseguir vencer a batalha entre a vida e a morte", disse ele.

Campos destacou que a Medicina aprendeu muito

diante da pandemia da covid-19 e que agora a missão é evitar o crescimento dos casos, estimulando hábitos saudáveis, higienização constante e o uso de máscaras. "Lembrando que ainda não vencemos o inimigo, e enquanto não tivermos a vacina, estaremos expostos ao risco iminente, mas não fugiremos da batalha", enfatizou.

Apesar de a guerra não estar vencida, Tarcísio Campos comemorou ao dizer, em nome da classe, que sente um grande orgulho de ter desempenhado o papel de infantaria no combate à covid-19. "Cada um que vence o combate contra a covid-19 para nos representava muito", afirmou. O médico também relembra e registra profundo pesar com as mais de 150 mil famílias que perderam um ente querido diante da pandemia no Brasil, "em especial aos médicos e as médicas que perderam suas vidas. Enfim, uma sensação de orgulho e preocupação", completou ele.

Nove cursos na Paraíba

Até 2007, segundo dados do CRM-PB, a Paraíba possuía cinco cursos de Medicina, sendo dois públicos: na Universidade Federal da Paraíba e na Universidade Federal de Campina Grande; e três particulares na Faculdade de Medicina Nova Esperança, na Faculdade de Ciências Médicas, em João Pessoa e Campina Grande. Segundo dados da Demografia Médica no Brasil, divulgada em 2018 pelo Conselho Regional de Medicina de São Paulo e pelo Conselho Federal de Medicina, a Paraíba apresenta 9 cursos de Medicina atualmente, sendo três na rede pública e seis na rede privada de Ensino Superior.

O primeiro curso de Medicina do Estado foi oferecido pela Faculdade de Medicina da UFPB, fundada em 1951. "A ausência, na Paraíba, de curso superior de Medicina até 1951 implicava em transtornos para a clientela estudantil de nível social mediano, estrangulada entre o status quo e o status aspirado. A necessidade de deslocamento para outros estados se configura como um desses transtornos, mesmo em se pensando que a locomoção se desse somente até Recife, onde havia o curso de Medicina mais próximo", conforme narra o site da instituição federal.

Ainda conforme a Demografia Médica no Brasil, das 54 especialidades disponíveis na época, clínica médica (11,2%), pediatria (10,3%) e cirurgia geral (8,9%) estavam no topo da lista como as mais procuradas. Já cirurgia de mão (0,2%), radioterapia (0,2%) e genética médica (0,1%) eram consideradas as menos procuradas pelos profissionais de Medicina.

Os dados estaduais, na ocasião, seguiam a pesquisa nacional, apontando 658 especialistas em pediatria, 652 em clínica médica, 519 em ginecologia e obstetria e 477 em cirurgia geral, como as principais especialidades procuradas. Já as que apresentavam menor número de especialistas eram cirurgia de mão com 10, radioterapia com 7, genética médica com 4 e medicina esportiva, que tinha apenas dois.

Em dados divulgados pelo CRM-PB, em agosto desse ano, a Paraíba contabilizou médicos especialistas em 67 áreas. "As especialidades com mais registros no Estado são: pediatria (669 médicos), ginecologia e obstetria (578), clínica médica (492), cirurgia geral (364) e anestesiologia (290). As especialidades com menor número de especialistas são broncoesofagologia (1), cancerologia (1), hematologia (1) e hepatologia (1)", compartilhou o Conselho.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

CASO DO 'DINHEIRO NA CUECA' PODERÁ REATIVAR A COMISSÃO DE ÉTICA, QUE TEM PARAIBANO COMO VICE

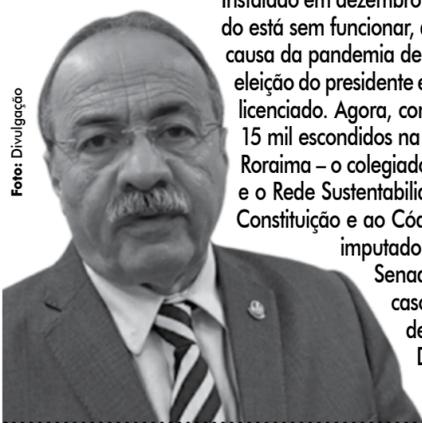


Foto: Divulgação

Instalado em dezembro do ano passado - e, registre-se, com sete meses de atraso -, o Conselho de Ética do Senado está sem funcionar, do mesmo modo que a maioria das comissões da Casa, permanentes ou transitórias, por causa da pandemia de covid-19 - a última e única sessão do Conselho nesta legislatura ocorreu na instalação e eleição do presidente e do vice, respectivamente, Jayme Campos (DEM) e Veneziano Vital do Rêgo (PSB), que está licenciado. Agora, com o caso do senador Chico Rodrigues (DEM) (foto), flagrado pela Polícia Federal com R\$ 15 mil escondidos na cueca - o dinheiro seria oriundo de desvios de recursos para o combate à pandemia, em Roraima - o colegiado poderá voltar a deliberar sobre denúncias envolvendo parlamentares. É que o Cidadania e o Rede Sustentabilidade protocolaram representação para apuração da conduta do senador. Referindo-se à Constituição e ao Código de Ética do Senado, as duas legendas pedem a punição mais rigorosa, caso o crime imputado ao senador se comprove: perda de mandato. Nestas próximas semanas, a presidente do Senado, David Alcolumbre, do mesmo partido do senador, deverá dar encaminhamentos para o caso, quando receber, a notificação do STF quanto à decisão do ministro Luís Roberto Barroso de afastar Chico Rodrigues por 90 dias - o plenário decidirá se acata ou não o afastamento. Detalhe: Chico Rodrigues é membro titular da Comissão de Ética. No caso em questão, não estávamos bem representados num colegiado que zela, justamente, pela probidade.

CASSAÇÃO COM 41 VOTOS

Há quatro tipos de punições que podem ser aplicadas pelo Conselho de Ética do Senado a um parlamentar denunciado: advertência, censura, perda temporária ou definitiva do mandato. No caso dessa última, a decisão ainda precisa passar pelo plenário. Para que a cassação se efetive, é preciso que, ao menos, 41 dos 81 senadores confirmem a decisão.

TRE ACATA COMISSÃO

A direção nacional do PT, que vem tendo revesses na Justiça Eleitoral na tentativa de retirar a candidatura de Anísio Maia, ao menos teve êxito em uma demanda: o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) acatou, oficialmente, o registro da comissão interventora do diretório municipal de João Pessoa.

NÃO PODEM RECLAMAR

Os partidos não podem reclamar do juiz da 76ª Zona Eleitoral, Adhailton Lacet, que decidiu proibir atos públicos de campanha, como comícios, carretadas e passeatas em João Pessoa. Assumiram compromisso com o magistrado para respeitar protocolos sanitários, mas não o fizeram. Não faltam vídeos comprovando isso.

VISLUMBRANDO 2022 (1)

Presidente da ALPB, Adriano Galdino (PSB) vem participando efetivamente da campanha onde o Avante, que indiretamente comanda, está em disputa - menos presencial do que planejava, por causa da pandemia. Levando o partido a ter mais capilaridade no Estado é um dos seus focos, até porque deverá ser candidato a deputado federal em 2022.

VISLUMBRANDO 2022 (2)

No mês passado, ao participar de live com a esposa, Eliane Galdino (Avante), candidata a prefeita de Pochinhos, Adriano Galdino confirmou que não pretende mais disputar reeleição na ALPB, em 2022, porque almeja novos voos políticos. Além da possibilidade de sair como deputado federal, não descarta também disputar cadeira no Senado.

ELEIÇÃO PARA REITORIA: UFCG RECEBE INSCRIÇÕES ATÉ QUINTA

Até a próxima quinta-feira, Comissão Especial da UFCG que coordena a eleição para reitor e vice-reitor da instituição receberá inscrições de candidaturas para os cargos - a consulta à comunidade universitária ocorrerá em 20 de novembro, de modo remoto, seguindo os parâmetros da proporcionalidade: docentes têm peso de 70%, enquanto servidores técnico-administrativos e estudantes, 15%.

Rubens Freire

Secretário de Ciência e Tecnologia da Paraíba

“Não há ciência sem dinheiro público”

Em entrevista ao Jornal A União, gestor fala das ações adotadas durante a pandemia e da implantação de um radiotelescópio de R\$ 20 mi na Paraíba

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A necessidade de isolamento por conta da pandemia do novo coronavírus afetou o mundo inteiro, mas os pesquisadores não deixaram de atuar por conta disso. Na Paraíba, por exemplo, foi articulado um edital de apoio para pesquisas relacionadas ao cenário pela Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq). Para isso, foram investidos R\$ 2 milhões em projetos de pesquisa e desenvolvimento de

ações de enfrentamento à pandemia, tornando-se, inclusive, exemplo seguido por outras instituições do país.

Há também projetos previstos para mais adiante, a exemplo de um radiotelescópio que será construído no Sertão da Paraíba, no município de Aguiar. A iniciativa, orçada em R\$ 20 milhões, conta com parcerias internacionais, e a previsão é que entre em operação dentro de dois anos.

As informações foram repassadas pelo secretário executivo de Ciência e Tecnologia da Paraíba, Rubens Freire. Ele é doutor em Física pela Universidade de São Paulo (USP), fez

mestrado em Geofísica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e possui graduação em Física pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde é professor. Na UFPB, foi chefe do Departamento de Física, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Física e representante do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) no Conselho Superior do Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe).



Foto: Delmer Oliveira

A entrevista

Nesse ano atípico, de pandemia, que ações foram desenvolvidas pela Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia no trabalho conjunto de combate ao coronavírus?

■ Exclusivamente com foco na questão da pandemia do coronavírus, nós articulamos, em conjunto com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), um edital de apoio a pesquisas correlacionadas com o enfrentamento à pandemia. São ações de pesquisa e desenvolvimento realizadas pelas instituições públicas com cerca de 20 projetos aprovados. Inicialmente, foram aprovados oito de um conjunto de 48 ideias apresentadas pela comunidade científica do Estado da Paraíba em resposta a esse edital. O edital inicial é de R\$ 1 milhão e conseguimos estender para mais R\$ 1 milhão com o apoio da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba (ALPB).

Para isso, tiveram papel importante o deputado presidente Adriano Galdino, e o deputado presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia Buba Germano, mas todo o parlamento foi unânime no apoio que a ALPB ofereceu ao Governo do Estado, sendo que R\$ 1 milhão para os projetos que nós estávamos selecionando e aprovando. A Fapesq tem uma política de ciência e tecnologia articulada com a secretaria. Em síntese, aplicamos R\$ 2 milhões em projetos de pesquisa e desenvolvimento para enfrentamento à pandemia do coronavírus. Isso não é pouco. O nosso edital tornou-se exemplo para inúmeras instituições do Brasil.

Quais os projetos de destaque realizados durante a pandemia?

■ Temos o 'Ouse Criar', um projeto que visa engajar os estudantes da rede pública, de nível médio, em atividades criativas envolvendo ciência e tecnologia. São várias etapas das disputas e competições que envolvem todas as escolas, as gerências regionais do ensino. Esse projeto está em curso e o objetivo dele é formar o estudante dando a ele uma visão além do cotidiano da sala de aula, o empreendedorismo, iniciativa, engajamento em problemas relacionados com a comunidade onde ele está próximo e usando a tecnologia de informação para solucionar esses problemas.

Estamos envolvidos também no projeto 'Arte em cena', que presta uma homenagem a Sivuca. Isso é um projeto mais do campo pedagógico. Entretanto, a secretaria está envolvida.

Nós estamos construindo também uma cooperação com a Secretaria de Estado da Agricultura Familiar um programa de ciência e tecnologia em apoio à agricultura familiar. Para se ter uma ideia, cerca de 73% da alimentação que comemos são produzidos neste ambiente. Se a gente observar o Brasil, mesmo em situação de pandemia, não houve desabastecimento de hortifrutigranjeiros. Isso porque o sistema da agricultura familiar continua atuando.

Como está o Brasil no cenário internacional no que diz respeito à pesquisa científica?

■ Um projeto em curso que a Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia está apoiando e que tomará corpo e visibilidade em breve é a construção de um radiotelescópio de grande proporção no Sertão da Paraíba, na cidade de Aguiar. Orçado em R\$

20 milhões, o projeto incorpora várias instituições no mundo, como Manchester, Montreal, Pequim, São Paulo, Berlim e Paraíba, e deve entrar em operação dentro um ano e meio a dois anos, porque não é algo trivial. São duas antenas numa área de 1,2 mil metros quadrados cada uma. A torre tem altura correspondente a um prédio de 30 andares. Nós, da Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia, estamos comprometidos em apoiar essa iniciativa, que é do Sistema Universitário Brasileiro, Universidade de São Paulo em parceria com algumas instituições brasileiras, no nosso caso, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e o Estado, por meio da Secretaria de Ciência e Tecnologia.

Qual a sua avaliação a respeito dos investimentos que o governo brasileiro tem feito na pesquisa científica?

■ A história do financiamento para pesquisa científica no Brasil é cheia de altos e baixos. É inequívoco que nos tempos recentes o ponto alto do processo de financiamento ocorreu no governo Lula, quando houve expansão do sistema universitário, de bolsa, houve programas como o 'Ciência sem Fronteira', os programas de pós-graduação cresceram de maneira muito forte. Nesse momento, há um 'negacionismo' da ciência como valor e, como decorrência, um declínio muito forte no financiamento. O Governo Federal tem uma atitude bastante deletéria em relação ao sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação que resiste, porque ele é constituído por um corpo de instituições que são reconhecidas pela sociedade, que são as universidades públicas e os institutos de pesquisa públicos. Instituições particulares e privadas também importantes, mas essas não têm uma relação mais direta com o Governo Federal, apesar de dependerem também.

E como fica, então o desenvolvimento das pesquisas científicas e tecnológicas sem o aporte necessário do Governo Federal?

■ Os valores que vêm para a Paraíba não vêm para o governo. O forte é para as universidades públicas. Nós temos convênios que articulam Governo Federal e Governo Estadual, mas isso no âmbito da Fundação de Apoio à Pesquisa, que são programas de desenvolvimento científico regional, programas de apoios tecnológicos, de laboratório. Isto estaria no âmbito da Fundação. Sempre vem alguma coisa e o Governo do Estado da Paraíba entra com uma contrapartida, mas não há ciência e desenvolvimento científico e tecnológico sem dinheiro público em lugar nenhum do mundo. Qualquer coisa que redundou em inovação tecnológica teve um forte aporte de recurso público. E é assim mesmo porque para quem investe em ciência, o lucro é grande, o benefício para a humanidade é grande, mas o risco é alto. O sistema capitalista não corre riscos desnecessários. Então, estamos vivendo um momento de declínio do financiamento. O Governo do Estado

tem recurso para dar continuidade aos projetos. Inclusive, estamos tratando da organização da Lei Orçamentária e procurando alocar recursos para manter os programas que já temos em desenvolvimento e avançarmos em alguns outros. O Governo do Estado tem compromisso com isso.

A quais novas tecnologias a Paraíba terá acesso nos próximos meses ou anos?

■ A política de ciência, tecnologia e inovação é uma política que aplica, vislumbrando serviços e produtos, mas ela não aplica em curto prazo. Por exemplo, os R\$ 2 milhões que aplicamos para o combate à pandemia. Dentro dos projetos, há dois para construção de ventiladores pulmonares. Nós temos dois grupos na Paraíba, um na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que está trabalhando com o objetivo de desenvolver um ventilador pulmonar. Então, podemos dizer que, no prazo de um ano, um ano e meio, a Paraíba vai dispor de um grupo capacitado a produzir.

E como se dará a produção?

■ Temos um grupo na UEPB e outro no Departamento de Química da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) trabalhando na mesma direção. Há grupos de pesquisa patrocinados por esse edital que estão trabalhando em modelos de difusão da doença, do vírus, fazendo as estatísticas. Inclusive, um dos programas desenvolvidos tem sido usado pelo Comitê Científico do Consórcio Nordeste. Isso é uma novidade *made in* Paraíba e sendo utilizado pela Paraíba, e apoiado pelo governo. Há grupos que estão trabalhando no desenvolvimento de testes apoiados pelo governo, mas é complicado dizer quando estarão disponíveis. Trabalho que envolve pesquisa de campo, laboratório, produção, construção do processo de um produto demanda tempo. Então, o que podemos dizer é que o governo está atento e apostando, apoiando financeiramente, e há esperança nos resultados.

Em que medida, elementos de desenvolvimento científico e tecnológico produzidos na Paraíba têm aumentado o Produto Interno Bruto (PIB)?

■ Os polos que temos hoje, o Parque Tecnológico de Campina Grande, por exemplo, vislumbrando como tecnologia da informação, representa um aspecto importante na construção do PIB paraibano e, mais do que isso, digamos assim, num ambiente atrativo. Por exemplo, quando temos uma usina de energia solar se instalando na Paraíba, em Coremas, uma iniciativa privada, ela vem para cá porque o ambiente paraibano de ciência, tecnologia e inovação é atraente. Quando temos a possibilidade da construção de um polo de tecidos e confecções, as empresas vêm porque a Paraíba, do ponto de vista de pessoal, de capacitação, é um polo atraente. Essa capacitação foi uma construção de uma política pública que durou 30 anos ou mais. O processo de construção do programa, de forma sistemática, o marco que es-

tabelece é de 50 anos com a criação, por exemplo do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Se nós temos hoje esse potencial, é porque começamos em 1951. Havia necessidade do financiamento não só como solução de continuidade, que é o que ocorre nesse momento, e isso desestimula. Temos doutores sendo formados e não há possibilidade de trabalho para estes profissionais de altíssimo nível. E o que vai acontecer? Esse povo vai embora. Agora, quando criamos um ambiente de industrialização, fixa pessoal, e temos a ciência e a tecnologia contribuindo para superar as desigualdades.

Existem outros projetos nessa mesma linha de popularização da ciência?

■ Temos projetos nessa direção. Por exemplo, o dia de observar as estrelas. Com um telescópio simples, numa praça, num bairro, as pessoas vão lá, ficam olhando, tem um instrutor que fala. É assim que se faz essa popularização. No nosso âmbito, podemos procurar apoiar a realização de feira de ciências nas escolas. Existe, todo ano, a Semana Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação que é coordenada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, tem patrocínio de governos, da sociedade científica e tem exatamente essa função. Esse ano, por conta da necessidade de isolamento, não houve eventos presenciais, mas ela está acontecendo agora no mês de outubro, com palestras, lives na página da SBPC.

O que é o Marco Legal da Ciência e Tecnologia? O que ele representa?

■ É natural que toda atividade, quando é desenvolvida de forma sistemática pela sociedade e pelo governo, necessite de regulamentações. O que havia antes do Marco Legal? Uma estrutura formal e legal, entretanto com algumas coisas desarticuladas. O que ocorre no processo de construção do Marco Legal? Ele é construído a muitas mãos das instituições que constituem o sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação. O Marco Legal qualifica o que seria esse sistema e as suas possibilidades de ações junto da sociedade.

Que situações podem exemplificar isso?

■ Por exemplo, o Marco Legal permite, o que não era permitido antes, que as universidades públicas se articulem de forma mais sistemática e legal com a iniciativa privada. Vislumbramos isso como algo positivo. Um laboratório que antes, no âmbito da universidade, era só um laboratório de pesquisa, pode ser um laboratório de produção e comercializar, criar patente, colocar no mercado. Um pesquisador, mesmo estando num ambiente de serviço público, está autorizado a se articular com a iniciativa privada. E não é só isso, regula vários aspectos da produção científica, notadamente na produção de bens e serviços oriundos de um projeto inovador em ciência e tecnologia. Com um detalhe, os estados também estão se ajustando a este Marco Legal, criando um Marco Legal estadual. O nosso está em vias de ser encaminhado para a Assembleia. Na Paraíba, foi construída a várias mãos uma proposta que será encaminhada à AL, e a Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia está cuidando disto.



Foto: Marcus Antonius

Lei do Sigilo pode encorajar mulher a denunciar violência

Em julho deste ano, delegacias da mulher realizaram a prisão, em flagrante, de 90 homens suspeitos de agressões

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

As mulheres vítimas de violência doméstica receberam mais uma ferramenta de proteção. A partir de agora, todos os seus dados cadastrados em órgãos públicos do Estado da Paraíba estarão sob sigilo, assim como de seus filhos e membros de sua família. Isso será possível através da Lei nº 11.791 de 14 de outubro de 2020, sancionada no dia 14 pelo governador da Paraíba, João Azevêdo.

Uma das consequências da lei deve ser o aumento das denúncias de crimes contra a mulher. Apenas no mês de julho deste ano, as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deams) realizaram a prisão em flagrante de 90 homens suspeitos de praticar agressões contra companheiras, ex-companheiras e outras mulheres com as quais possuíam vínculo afetivo ou familiar, no Estado. Além disso, foram solicitadas 243 medidas protetivas em favor das vítimas, segundo dados da De-

legacia Geral da Polícia Civil da Paraíba.

De acordo com a lei, a inserção do sigilo acontece a partir do momento em que ela for atendida pelo primeiro órgão público, seja na Secretaria de Saúde ou Segurança. Assim como os dados de seus filhos e familiares, que não poderão ser repassados por nenhum órgão estadual. Além disso, o Governo do Estado poderá realizar convênios com os municípios da Paraíba para ampliar ainda mais a inserção do sigilo.

Na opinião da secretária da Mulher e do Desenvolvimento Humano, Lídia Moura, a lei trará mais uma segurança à mulher. "Nós agradecemos ao governador João Azevêdo pela sanção, porque é mais um instrumento nesse combate do enfrentamento à violência que temos que fazer todos os dias. Protege a mulher e protege também seus filhos e filhas por extensão", disse.

Ela explicou que a lei se faz necessária principalmente porque em casos mais extremos, agressores procuram órgãos

// Muitas vezes a mulher sofre uma violência, tem um atendimento na rede pública, e esses canais de atendimento servem como uma forma desses agressores a localizarem. Eles conseguem ter acesso, inclusive, às crianças e leva terrorismo para aquela mulher. Então agora teremos uma garantia a mais da segurança dessas mulheres //



Lídia Moura, secretária da SEMDH

Foto: Divulgação

públicos para, de alguma forma, encontrar as suas vítimas. "Muitas vezes a mulher sofre uma violência, tem um atendimento na rede pública, e esses canais de atendimento servem como uma forma de esses agressores a localizarem. Eles conseguem ter acesso, inclusive, às crianças e leva terrorismo para aquela mulher. Então agora teremos uma garantia a mais da segurança dessas mulheres", comentou.

A secretária enfatizou que nos serviços oferecidos pela Delegacia da Mulher, como Delegacias e Centros de Referência, o sigilo já acontecia de forma espontânea. "Vale destacar que em qualquer um dos nossos serviços esse sigilo já era uma prática, mas é muito importante que alcance outros serviços. Além disso, já tínhamos por uma questão ética, mas como agora é uma obrigação disposta na lei passa a ser uma obrigação, seja na delegacia ou nos serviços de saúde, por onde ela precisar passar em decorrência da violência, é feito o sigilo. É uma forma de resguardar a mulher", afirmou.

SERVIÇO

Onde denunciar

Central de Atendimento à Mulher - **180**
Delegacia da Mulher: **3218-5317 e 3264-9164**
Disque Denúncia Polícia Civil: **197**
Disque Denúncia Polícia Militar: **190**
Medidas Protetivas Online: **99146-7175**
Patrulha Maria da Penha: **3221-1673**
Centro de Referência da Mulher Campina Grande: **98826-8844**
Centro de Referência da Mulher d e Sumé: **99400-7022**

Serviços disponíveis

O Programa Integrado Patrulha Maria da Penha, em um ano de funcionamento, realizou 1462 atividades, entre visitas, atendimento social, jurídico e acionamentos de plantão da equipe técnica, reuniões e grupos terapêuticos.

Além disso, até agora, 16 homens foram presos em flagrante por descumprimento de medida protetiva. Segundo o último boletim da Patrulha, no total, 434 mulheres foram atendidas no período de 7 de agosto até 7 de outubro deste ano.

Outros serviços como a Casa Abrigo Aryane Thais, que funciona desde 2011 e até hoje abrigou 498 mulheres e seus filhos, e o Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes, localizado em Campina Grande, que já realizou 6.565 atendimentos desde 2012, funcionam como uma ferramenta eficaz de apoio em todas as esferas.

Além de contribuir com a segurança dessas vítimas, elas são assistidas com atividades educativas e informativas, palestras oficinas e apoio psicológico.

hapvidasaude hapvida.saude hapvida.com.br

18 de outubro.

Dia de agradecer a vocês, médicos, que

salvam vidas

todos os dias.

Vocês dedicam a vida a cuidar da vida dos outros. Por isso, a medicina é mais do que uma profissão, é a missão. Uma nova prova disso foi nesse ano, quando vocês assumiram a linha de frente contra COVID-19 e salvaram milhares de pessoas, transformando a dúvida em sorrisos.

Nesse Dia do Médico, nós agradecemos a dedicação de todos vocês. E, em especial, a você, médico Hapvida, que faz da nossa rede um exemplo de cuidado humano nas cinco regiões do Brasil.

hapvida
saúde pra valer



Foto: Marcus Antonius

A arte de brincar que ainda não se perdeu com o tempo

Artesãos mantêm vivas brincadeiras da infância mesmo durante a pandemia, quando a tecnologia prevalece

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Pipa, boneca de pano, pião, carrinho de madeira e de lata. Esses e muitos outros brinquedos com certeza já fizeram parte da infância de muitas crianças. Ao contrário dos atuais games digitais e outros dispositivos tecnológicos, eles não tinham luzinhas que piscavam, não emitiam sons, e a única energia necessária para movimentá-los era apenas a dos meninos e meninas. Com esses atrativos, não era possível passar horas parado. Pelo contrário, o corpo e a mente eram combustíveis para impulsionar a brincadeira que seguia, geralmente, de maneira coletiva.

O tempo passou, o mundo industrializou-se, a era digital invadiu os lares e a vida dos pequenos. O “terreiro” e quintais de casa, palco da diversão da criançada de ou-

trora, encolheram. Em poucos metros quadrado, o que se vê normalmente são olhos vidrados no tablet, nos aparelhos celulares e no vídeo game. Mas os “antigos brinquedos” resistiram às novidades. O artesão Chico Ribeiro é uma prova disso. “Trabalho há 30 anos fazendo brinquedos de madeira, como jogo de tabuleiro e mané-gostoso. Esses brinquedos nunca morreram. Várias pessoas me encomendam e tiro meu sustento desta atividade”, frisou.

Nessa pandemia, em que muitas fa-

Chico Ribeiro trabalha há 30 anos nesse ramo de brinquedos



Foto: Arquivo Pessoal

mílias tiveram de ficar isoladas em casa, a vontade de inserir o lúdico de forma mais simples no dia a dia das crianças reapareceu. A quantidade de encomendas de seu Chico, como é conhecido, cresceu cerca de 70% no período da quarentena. “Nessa pandemia, aumentou o desejo de as pessoas voltarem-se para o natural, para as coisas mais simples. O artesanato tem correspondido a essa vontade e o lúdico tem sido uma válvula de escape para crianças e adultos”, afirmou o artesão.

Aos 55 anos de idade, ele está concluindo o curso de pe-

dagogia. A volta aos estudos teve como estímulo os próprios brinquedos. Seu Chico queria aprofundar o conhecimento sobre a importância das peças que produz. “Esses brinquedos evocam o coletivo, a vontade de ter o outro por perto. As crianças não têm essa grande necessidade de consumir tecnologia como se vê por aí. Isso foi criado pela roda do consumo, que insere esse desejo desde pequeno. Mas, as pessoas estão redescobrimo esse tesouro escondido, das histórias de ‘trancoso’, de brincar com carrinho, de se aproximar das coisas simples”.

Resistência artesã

Mesmo sendo menos consumidos do que na época em que não existiam a internet nem a popularização dos jogos eletrônicos, os brinquedos rústicos, feitos à mão, ainda incrementam a renda de muitos fabricantes. Essa é o caso do artesão Enoque Bernardo da Silva.

Com 81 anos de idade, ele trabalha há cerca de 50 anos fazendo aviões, roda-roda, ônibus, borboletas e outras peças em madeira. “Costumo vender meus brinquedos na Casa do Artesão, no Varadouro, e nos Salões de Artesanato. Como tudo fechou devido à pandemia, estou comercializando na rua mesmo”, confessou o artesão, que instalou uma banquinha nas proximidades do Shopping 4400, no Varadouro.

Enoque da Silva é aposentado, e o trabalho com brinquedos é uma ajuda extra no orçamento da família. Ele conta que, ao longo dos anos, pagou o INSS como autônomo e conseguiu se aposentar. O benefício, é a renda principal dos seus rendimentos mensais. “A chegada dos celulares e desses jogos eletrônicos diminuíram 80% o meu comércio com brinquedos. Agora, o que vendo não dá para sobreviver, mas ajuda nas contas de casa”, confessou.

Enoque Silva: procura por brinquedos diminuiu, mas não acabou

Foto: Marcus Antonius

Entre o moderno e o tradicional

Uma das pessoas que inseriu os brinquedos feitos à mão na vida dos filhos foi a empresária Gabriella dos Santos Lima, mãe de Yuri, três anos, e de Cadu, um ano. Ela conta que tenta mesclar o tecnológico com o tradicional no cotidiano dos dois. “Gosto de ler muito sobre a pedagogia de ensino, que remete a gente aos brinquedos antigos, que geram realmente o brincar, que faz tanta falta nos dias de hoje. Brinquedo tecnológico tem seu lado positivo, mas acaba limitando a criança em outros aspectos. Deixo meu filho no celular, mas delimito o tempo”.

Apesar de Yuri e Cadu fazerem parte da geração que já nasceu com a Internet, Gabriella conta que os

pequenos se encantam com os jogos educativos e outros brinquedos confeccionados com materiais como tecido e madeira. “Muitas vezes pego meus filhos passando horas entretidos com essas peças artesanais”, confessou.

Danos à saúde

O excesso de exposição às chamadas “telas”, que incluem objetivos como celulares e tablets, traz prejuízo na vida das crianças. De acordo com Cárita Portilho, psicóloga, professora da UFPB e doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela USP, o brilho e os estímulos sensoriais produzidos por esses dispositivos têm im-



Foto: Arquivo pessoal

Como é hábito, o menino Yuri não deixa os brinquedos artesanais de lado

pacto no sistema nervoso.

As telas ainda colocam as crianças numa posição muito passiva diante das brincadeiras. “Elas têm pouco espaço para ação, elaboração e criação”. No computador, há meninos que começam a fa-

zer várias tarefas ao mesmo tempo e essa postura pode prejudicar o desenvolvimento da atenção. Muitas vezes, essa interação com o objeto tecnológico não é compartilhada com outros colegas ou familiares.

Continua na página 7



Foto: Pixabay

▶▶▶ Continuação

Os valores da brincadeira

Contato com brinquedos e jogos tradicionais pode aproximar crianças de um mundo real e mais coletivo

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

“A brincadeira é a atividade de que mais tem o potencial de interferir no desenvolvimento psicológico das crianças. No âmbito da psicologia, costumamos nomeá-la como a atividade principal da infância”. A afirmação é de Cárta Portilho de Lima, professora de Psicologia da Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP).

Segundo ela, por meio das brincadeiras educativas, os meninos e meninas conseguem entender, internalizar, se apropriar e viver elementos do mundo social no qual estão inseridos. “A brincadeira dá à criança a condição de entender normas, valores, formas de organização e papéis da sociedade. Mas, ao contrário do que costumamos pensar, a brincadeira não é algo natural, as crianças aprendem. E para aprender a brincar dessa forma cultural, elas fazem uso de objetos que a sociedade constrói”.

Por isso, é importante ter atenção com o tipo de brin-

quedo que se oferece aos pequenos. Esses objetos vão influenciar no desenvolvimento físico e mental na fase infantil. Cárta Portilho explica que a partir dos dois anos de idade, ao começar a manipular os objetos oferecidos, a criança começa a projetar valores, significados, e a viver a possibilidade de substituir um objeto por outro, a desenvolver atividade simbólica. “Que é a atividade central para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação”.

Nesse sentido, quanto mais flexíveis, abertos e disponíveis forem os brinquedos para a construção e para a imaginação, mais eles vão favorecer o desenvolvimento das capacidades psicológicas na infância. “Os brinquedos artesanais carregam outro aspecto bastante interessante, que é o de guardarem em si aspectos da nossa ancestralidade, da cultura popular, da cultura de rua. São objetos que convidam os adultos a se conectarem com suas crianças”.

Industrialização

O processo de industrialização e urbanização no Brasil, segundo ela, trouxe mudanças drásticas para a organização cotidiana da sociedade, na intensificação da desigualdade social e da violência. Então, há diferentes formas de inserção da criança nos coletivos onde elas nascem. No interior dos estados, é mais comum encontrar meninos e meninas ocupando as ruas para se divertir, do que nas grandes cidades.

Quando elas têm a oportunidade de vivenciarem essas brincadeiras em ambientes livres, têm contato com processos de socialização importantes para o desenvolvimento. E grande parte desse processo passa pela internalização das regras, pelo desenvolvimento da capacidade de negociação, por saber submeter sua vontade a um desejo coletivo, para

conseguir continuar brincando. “Quando a gente analisa essas brincadeiras de pique-esconde, queimada, e muitas outras, essas atividades fazem as crianças lidarem com as

frustrações, e isso é importante para elas aprenderem a lidar com suas emoções”.

Por mais que as decisões ocorram no ambiente familiar, privado, a professora Cárta

alerta que é preciso discutir o tema da brincadeira e do tipo de brinquedo em um universo mais amplo, com a participação do Estado, instituições e dentro das escolas, para que,

juntamente com especialistas, se possa pensar sobre um ponto essencial: “Qual infância estamos formando e quais seres humanos queremos formar”.

+ Criançada precisa apreciar riquezas culturais

Em um passado não tão distante, antes da internet e dos jogos eletrônicos, não eram apenas os brinquedos feitos à mão que faziam a festa da meninada. Nas famílias, era comum ver os pequenos correndo de um lado para o outro brincando de pega-pega, pic-esconde, barra-bandeira, ciranda, amarelinha e muitas outras formas lúdicas de interação, que não necessitavam de qualquer outro objeto. Segundo especialistas, essas práticas já estão inseridas na história das comunidades e fazem parte da cultura popular.

O professor e pesquisador da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Marcelo Bulhões, afirma que a brincadeira de rua está inserida na cultura humana e na cultura popular

porque cada região tem seus jogos específicos, e vão passando esse aprendizado a cada geração. “Temos jogos, atividades lúdicas, que fazem parte da riqueza cultural de cada região brasileira. Muitas dessas brincadeiras atravessam fronteiras, se modificam de uma maneira peculiar, e trocam de nome mas, na essência, continuam as mesmas”.



Foto: Divulgação

Marcelo Bulhões, do grupo cultural Imburana

afirmou Bulhões, que é coordenador do projeto extensionista da UFPB “Grupo Imburana: ações da cultura popular afro-brasileira no desenvolvimento da cidadania”.

Segundo ele, as brincadeiras de rua e os brinquedos tradicionais resistem ao tempo. No entanto, com a modernidade estão se modificando e sendo praticados com menos frequência. “É um equívoco pensar que as crianças não estão pondo em prática esse tipo de brincadeira. O que acontece é que elas ocorrem com menor intensidade do que antes. Nesse sentido, precisamos tomar cuidado com os jogos eletrônicos, porque as famílias estão trocando a sua convivência com seus entes mais jovens pelo tablet, celular ou game. E isso é preocupante”, disse.

Correr, pular e brincar acionam habilidades

Marcelo Bulhões, que é formado em Educação Física, explica que as brincadeiras de rua têm aspectos positivos na vida dos pequenos, uma vez que as habilidades motoras são trabalhadas de forma significativa. “O pega-pega, por exemplo, que é uma atividade lúdica onde uma criança persegue a outra, envolve a coordenação motora do correr, do esquivar-se, da estratégia de como fugir. Envolve ainda resistência muscular e equilíbrio”, disse.

Ele explica que a atividade infantil livre, sem a coordenação de um adulto, autogerida pelos meninos e meninas,

“tem a capacidade única de desenvolver o trato humano das crianças entre si”.

Quando o jogo popular utiliza um instrumental físico, como a pipa, pião ou um objeto feito pela criança, ele trabalha numa perspectiva contra-hegemônica à essa sociedade consumista. “Se eu fabrico o meu brinquedo, eu sou dono do meu modo de fabricação. Isso também é revolucionário no sentido da própria construção social”, explicou.



Foto: Pixabay



Foto: Arquivo pessoal

Cárta Portilho é professora de Psicologia da Educação na UFPB



Fotos: Marcus Antonius

O município bucólico, com suas igrejas e praças, tem na pesca e comercialização de caranguejos uma de suas principais fontes de renda; acima, a agitada avenida Liberdade, cujo nome também é uma homenagem à França

Bayeux: a simplicidade que dá valor ao cotidiano local

Um passeio pela cidade paraibana de nome francês, que tem na sua gente bem humorada seu grande patrimônio

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

O município de Bayeux, localizado na Região Metropolitana de João Pessoa, possui 32km² e 96 550 habitantes, segundo estimativa do IBGE de 2018. A base da economia fica por conta do comércio e da pesca, com a produção de caranguejo sendo considerada a maior do Estado. Rios e manguezais cobrem mais da metade da área da cidade que é também conhecida pela alegria, hospitalidade e bom humor do seu povo. No calendário do município festas como a do padroeiro São Sebastião, celebrada em janeiro, e o Caranga Fest costumam reunir multidões que saem também de cidades vizinhas para juntar-se ao baienense.

Bayeux tem na Avenida Liberdade, a principal da cidade, grande concentração de comércio e serviços que fazem da via um verdadeiro shopping a céu aberto. Mas não é só isso, quem visita à cidade pode passear de barco pelos manguezais, conhecer a Igreja de São Sebastião ou ainda caminhar pelas praças 6 de Junho e Vereador Franco, duas das principais do lugar.

Emancipada há 60 anos, Bayeux foi inicialmente habitada por índios Tabajaras e Potiguaras que escolheram as margens dos rios Paraíba e Sanhauá para se estabelecer. No início o povoado foi chamado de Rua do Baralho, depois Barreiros, nome de um engenho local, e por último Bayeux em homenagem à primeira cidade francesa a ser libertada do poderio nazista durante a Segunda Guerra Mundial. O nome 'Liberdade' da avenida também faz referência ao período e homenageia os países aliados libertos do regime político. Pertenceu à Santa Rita até 1948 quando tornou-se distrito e 11 anos depois virou município.

A professora e historiadora Ana Leal tem uma relação próxima com Bayeux, que passou a visitar quando ainda era estudante. A magistrada destaca a importância da Ponte do Baralho, equipamento que ajuda a contar a história do lugar. "A cidade nasceu de João Pessoa, era um pedacinho de João Pessoa, assim como Santa Rita. Ela nasceu bem menor que os municípios vizinhos, mas teve uma coisa enobrecedora que foi a ponte, uma das coisas mais bonitas que você vê em Bayeux". A entrevistada conta que foi o carteadado, jogado diariamente nas proximidades, que deu nome à ponte, responsável também pela popularidade do município à época. "Deu à primazia de Bayeux ser uma cidade que todo mundo conhecia, não tinha como chegar em qualquer lugar da Paraíba sem passar por Bayeux", disse. E apesar de pequena geograficamente, se comparada à capital João Pessoa e a vizinha Santa Rita, a historiadora conta que o município sempre teve autonomia e iniciativa para crescer e se desenvolver dentro de um ritmo próprio. "O caso foi peculiar porque Bayeux cresce como um corredor mas nunca foi diminuída nesse sentido".

Os mangues, a BR 230, a linha férrea que corta a cidade, o antigo Clube São Bento, os rios, comércio e praças, para a Ana Leal o município, atrai pela riqueza histórica e natural. "O que você quer encontrar tem em Bayeux, por isso eu considero uma cidade tão agradável e que merece o nosso respeito e o nosso olhar".



Foto: Marcus Antonius



A Praça 6 de Julho é um dos pontos de encontro dos moradores da cidade



Foto: Marcus Antonius

Em meio a uma semana de trabalho, um tempinho para o futebol



Sobre a fama da cidade...

Quem fala sobre o tema, digamos, delicado mas que a população de Bayeux encara com bom humor é João Damião, conhecido como Joca de Bayeux. Morador desde a década de 80, Joca, que é conhecedor e entusiasta do município, fala sobre as duas histórias que contribuíram para a fama da cidade de concentrar grande número de pessoas traídas.

"Antigamente aqui se fazia muita cangaia de burro e como Bayeux era uma cidade de passagem os tropeiros acabavam comprando ou consertando esses equipamentos aqui". Um negócio que movimentava a economia da cidade e empregava famílias inteiras, segundo o morador do bairro Rio do Meio. "Homem, menino, mulher.

Muita gente trabalhava fazendo as cangaia que carregavam os caçuás cheios de produtos". Mas existe também uma outra história que ajudou a consolidar essa fama. "Toda passagem era feita pela ponte do Baralho e na região existiam muitos cabarés, bares e já viu, muita traição também". Sobre como as pessoas encaram a brincadeira, Joca de Bayeux responde. "Aqui ninguém tem problema com isso não, porque as outras cidades têm mais corno que Bayeux. E muitos, inclusive, vêm corrido se esconder por aqui", brinca.

E onde fica o aeroporto?

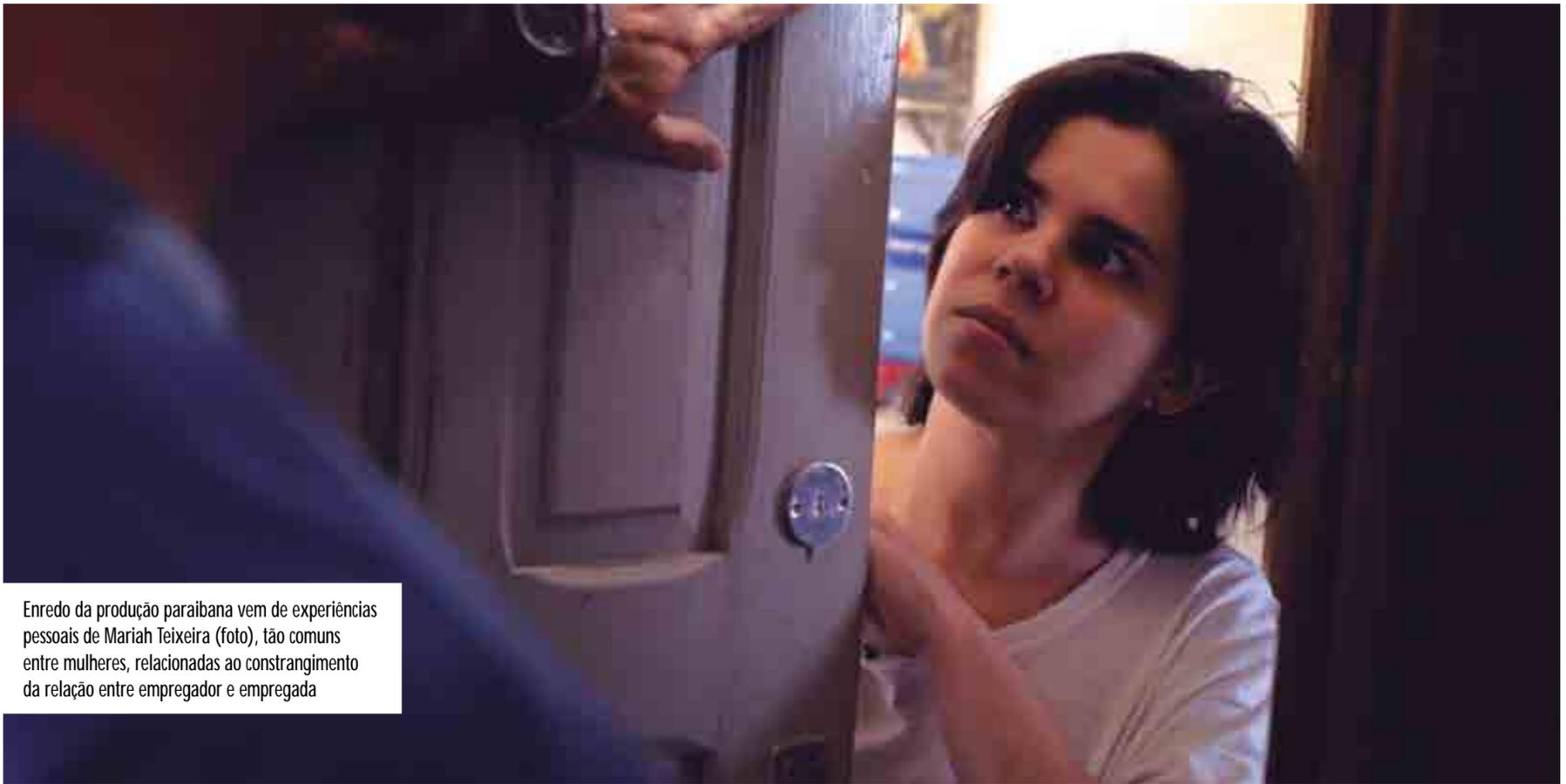
Quem estudou história da Paraíba, aprendeu até algum tempo atrás que João Pessoa era a única capital brasileira sem porto e aeroporto e que era por Bayeux que os turistas aterrissavam no Estado.

Mas na verdade há um impasse sobre a localização do equipamento, que chegou a ser dividido praticamente ao meio, tendo 56% do território pertencente à Bayeux. Mas em setembro do ano passado o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o Aeroporto Presidente Castro Pinto pertence mesmo à Santa Rita, já que duas leis estaduais que redefiniam os limites entre os municípios foram consideradas inconstitucionais.

A confusão é tanta que nas buscas da internet o aeroporto aparece situado em Santa Rita, em Bayeux e também como sendo parte dos dois municípios.



Foto: Instagram/Atlético



Enredo da produção paraibana vem de experiências pessoais de Mariah Teixeira (foto), tão comuns entre mulheres, relacionadas ao constrangimento da relação entre empregador e empregada

Filme retrata questões femininas

Curta-metragem de Mariah Teixeira e Nanda Félix, 'Rafameia' aborda a tensão de ser mulher

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

A figura feminina e seus limites são retratados em *Rafameia*. O novo curta-metragem de Mariah Teixeira e Nanda Félix, que aborda a tensão de ser mulher, é um retrato atual e necessário que está viajando pelo território nacional através de festivais. Sua estreia aconteceu neste mês e o projeto poderá ainda se tornar até uma série no futuro.

A ideia que resultaria na produção audiovisual teve início em há três anos, como lembra Mariah Teixeira. "Queria muito dirigir um filme e então conversei com Nanda e Rafael (Todeschini, marido de Mariah) para dirigi-lo comigo e escrever o roteiro, até que realizamos o edital".

O mote para o enredo vem de experiências pessoais de Mariah, tão comuns entre mulheres, relacionadas ao constrangimento da relação entre empregador e empregada. "Quando Nanda fez o roteiro e idealizamos o filme, o que a gente quis trazer foi a questão de vulnerabilidade feminina e a multiplicidade que isso também traz, de como ela é atravessada pelo outro. Existe uma tensão e uma vulnerabilidade que estão em cena".

As questões abordadas em *Rafameia* se tornam, mais do que nunca, necessárias, considerando os tempos de violência contra grupos específicos como de mulheres, negros, pobres e do público

LGBTQI+. "O filme é sobre toda essa população que não é representada pelo homem branco dominante, é sobre esses corpos vulneráveis e, sim, tem tudo a ver com esse momento do país".

Para reforçar a importância do olhar vulnerável, as diretoras priorizaram contratar uma equipe majoritariamente feminina, criando um diálogo voltado para este universo. Outro elemento de destaque da obra é o elenco totalmente paraibano. "A Paraíba tem uma produção de atores muito forte", defende a diretora.

Antes de dirigir *Rafameia*, Mariah Teixeira havia dirigido com seu pai, Tavinho, o longa-metragem *Sol Alegria* (2017). Entretanto, com a amiga de longa data, Nanda Félix, foi a primeira vez. "O trabalho de pensarmos juntas fluiu, acredito que nós duas tenhamos pensamentos que conseguem caminhar, que agregam um ao outro, e temos uma forte relação de confiança".

Nanda Félix, por outro lado, vem de uma trajetória no teatro, tendo no currículo alguns espetáculos dirigidos. "É muito empolgante e, ao mesmo tempo, muito reveladora essa construção no set de filmagem", comenta.

Devido à pandemia, as estreias de filmes estão acontecendo apenas no meio virtual. Foi o que aconteceu com *Rafameia*, que estreou no Festival Olhar de Cinema 2020 - Mostra Outros Olhares, em Curitiba (PR). "É muito triste

não podermos vê-lo na tela grande e perceber as reações das pessoas enquanto você também está lá", lamenta Félix. "Mas está sendo muito legal partilhar o filme de um outro jeito e saber de pessoas que assistiram talvez não pudessem conferi-lo pessoalmente. É uma sensação dúbia, difícil, paradoxal, mas temos que nos adaptar às possibilidades".

Mulheres na direção

Abordando assuntos variados, sejam mais voltados a aspectos feministas ou não, as mulheres têm ocupado cada vez mais espaços antes priorizados para homens. Na posição de diretora de cinema, Nanda Félix frisa a importância de se ocupar esses espaços. "Ainda é um número menor do que poderia ser. Há cada vez mais mulheres produtoras, mas ainda em números muito menores na direção".

Para Mariah Teixeira, *Rafameia* é um recorte de uma problemática muito mais ampla, "mas ainda há muitas outras perspectivas e geografias para se mostrar, e o nosso filme acaba apontando isso", explica. "As representatividades são uma vitória, mas precisamos estar atentos para não navegarmos apenas na superfície dos discursos. A representatividade feminina vem crescendo nas áreas de poder historicamente ocupadas por homens. Isso está mudando não só dentro no recorte de gênero, mas também na questão racial e não

Fotos: Divulgação



Com Mariah Teixeira (E) e Nanda Félix (D) na direção, curta que pode virar série foca na figura feminina e os seus limites

só no cinema - o que pra mim é igualmente importante".

Questões não só como a ocupação de mulheres, mas também de outros grupos invisibilizados, devem ser cada

vez mais trabalhados para uma mudança perceptível. "Todos precisam compreender as suas geografias no mundo. É uma expansão de consciência necessária para todos. Eu gosto des-

ta palavra - geografia - ainda mais hoje em dia, para pensar em nós humanos na totalidade. É importante reconhecer a pluralidade que habitamos", conclui Mariah Teixeira.

SE LIGA NO ENEM

Um canal de comunicação com suporte técnico e pedagógico para os estudantes do Estado.

COM ABORDAGENS SEMANALMENTE NAS ÁREAS:

#Química #Física #História #Biologia #Redação #Geografia #Língua Espanhola #Língua portuguesa #Língua Inglesa #Matemática #Sociologia #Filosofia

De terça a sexta
Das 18h às 19h
Na Tabajara AM

Uma parceria da Rádio Tabajara com a Secretaria de Educação



Artigo **Estevam Dedalus**
Sociólogo | colaborador

A hora certa

Foto: Divulgação



Meio por acaso, Belchior conheceu Elis, que depois gravou clássicos do sobralense

Circunstâncias adversas podem carregar, dialeticamente, boas oportunidades. A prisão do filósofo e matemático Bertrand Russell, em 1918, devido a manifestações pacifistas contra a participação do Reino Unido na Primeira Guerra Mundial, possibilitou que se dedicasse durante seis meses à criação do livro *Introdução à Filosofia da Matemática*. Newton, por sua vez, elaborou a teoria da gravidade durante um período de quarentena que foi provocada por um surto de peste bubônica.

É certo que quando uma grande oportunidade aparece, e é bem aproveitada, pode mudar radicalmente a nossa vida. Na década 1970, em busca de uma carreira nacional, Belchior foi morar em São Paulo. Sem recursos financeiros, um amigo deixou que morasse numa casa que estava em reforma, junto com os trabalhadores da obra. Foi uma época de bastante privação. Faltava dinheiro pra necessidades básicas, como alimentação e transporte.

A sorte começou a girar depois que Vinicius de Moraes e Toquinho apresentaram, meio por acaso, Elis Regina a Belchior durante uma gravação de estúdio. Ela tinha ouvido muitas coisas boas sobre o artista sobralense através de Fagner, seu parceiro na canção 'Mucuripe' – que naquela ocasião já tinha sido gravada por Elis. A cantora estava à procura de músicas novas, por isso convidou Belchior para ir até a sua casa gravar algumas canções. Sua intenção era fazer um novo show apenas com músicas de novos compositores.

Belchior revelou que “naquela altura estava absolutamente cheio do orgulho do pobre. Eu disse: olha eu não posso gravar uma fita pra você, porque eu não tenho violão. Eu não tenho gravador. Eu não tenho fita. Eu não tenho casa pra morar. Não adianta a senhora me convidar até a sua casa, porque eu não tenho dinheiro pra ir de ônibus. E ela riu muito, né? E disse: então, você pode ir até a minha casa hoje. Hoje eu mando um carro ir apanhar você. Eu disse, então: a senhora,

por favor, me mande apanhar na hora do jantar”.

Para alegria de Belchior, tudo correu bem: “E aí, naturalmente, tudo aconteceu conforme os conformes. Naquela noite eu gravei absolutamente todas as músicas do Alucinação, numa fita. Ela pediu um tempinho, que ia ouvir naquele dia mesmo. Ela ria muito quando ouvia as músicas, foi até o andar de cima, ouviu as músicas... e definitivamente disse que ia gravar essas duas músicas... 'Como Nossos Pais' e 'Velha Roupas Colorida'”.

Outro caso muito emblemático é o da compositora Helena dos Santos, que se tornaria parceira de Roberto Carlos. Helena era uma mulher negra, viúva, empregada doméstica, moradora de uma favela carioca, que naturalmente tinha muita dificuldade para criar sozinha os seus filhos. Ela aprendeu com o marido a fazer versos e compor canções.

Durante um tempo, perambulou pelas rádios cariocas atrás de um cantor que quisesse gravar alguma de suas músicas. Helena recebeu uma enxurrada de não, o que, porém, não a fez desistir. Numa ocasião mostrou a música 'Na lua não há' para a cantora Rogéria, que disse que não era o estilo de música que costumava gravar. Sugeriu que Helena mostrasse a canção a Roberto Carlos, que estava no começo da carreira e em processo de gravação do álbum *Splash Splash*. Ele gostou, gravou, e a música foi um grande sucesso.

Certa vez, Roberto pediu a Helena uma música romântica sobre pessoas que se amam e moram em lados opostos da cidade. O detalhe é que Helena recebeu o prazo de duas horas para compor a canção com o tema proposto. A música precisava ser gravada naquele mesmo dia, às dezoito horas. Ela então compôs 'Do outro lado da cidade' – quarta faixa do álbum *Roberto Carlos* (1969). Helena e Roberto acabariam ficando muito amigos. A amizade até rendeu um livro. Roberto gravaria, ao todo, 11 músicas compostas por ela.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A desigualdade entre os homens

Foto: Divulgação



Filósofo, teórico político e compositor Rousseau

É mais compreensível revolucionar o mundo do que o interior do ser humano. Humanizar-se é a maior das revoluções, dela nasce o respeito ao outro, o amor a natureza e a liberdade. O primeiro passo dessa revolução interior inicia na sensibilidade, isso preserva o estado puro no estado civilizado da natureza humana, e conduz a dignidade para desfazer a desigualdade entre os homens. Nos dias atuais, os cidadãos estão envenenados de ódio, e – no estado civilizado – a natureza humana se corrompe nas violências das contradições, nos embrutecimentos das rivalidades e incompatibilidades; enquanto alguns cidadãos acumulam o supérfluo... uma multidão está com fome e sofre pela falta do mínimo necessário.

O filósofo, teórico político, escritor e compositor suíço Jean Jacques Rousseau (1712-1778), em seu *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1755), citou o processo causador das desigualdades sociais e morais entre os seres humanos. Rousseau analisou a vida primitiva dos homens e concluiu que a desigualdade se fundamentou no conceito de propriedade privada e no sentimento de insegurança aos seres humanos. A tese de Rousseau afirmou que o homem primitivo vivia de forma isolado, porém convivia em grupos quando buscavam alimentos e proteção. Com as novas descobertas e aperfeiçoamentos dos instrumentos para a sobrevivência, o homem primitivo despertou a necessidade de armazenar. Isso criou o interesse de posse de terras, de armas, de animal, entre outras coisas. Tudo isso fez surgir o conceito de propriedade privada. O acúmulo dessas posses gerou uma superioridade entre os homens primitivos, e a escassez impulsionou os conflitos e, com o aumento da população, deu-se furtos, invasões, e guerras entre tribos. Nessa comunidade primitiva, diante das tensões, a criação da percepção de família desenvolveu uma relação menos embrutecida entre homens e mulheres, e a formação dos grupos familiares fortaleceu a necessidade de manter a comunidade unida e resistente às invasões e roubos. Rousseau afirmou que o surgimento da

família primitiva instituiu o amor conjugal e a fraternidade na comunidade. De forma a harmonizar a convivência social primitiva e organizar a distribuição de funções e obrigações, e – através dessas atividades – Rousseau afirmou que as desigualdades entre os homens têm como consequência o surgimento da propriedade privada e a necessidade de acumular, numa procura de poder e riquezas, a fim de dominar os outros.

Rousseau afirmou que “o homem é naturalmente bom”, e má a educação dada pela sociedade. No seu livro *O Contrato Social* (1762), ele nos diz que “a vida social é afirmada num contrato em que cada contratante condiciona sua liberdade ao bem da comunidade, de forma a proceder sempre de acordo com as aspirações da maioria”. Rousseau afirmou: “Concebo na espécie humana duas espécies de desigualdade: uma, que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Consiste essa nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles”.

A desigualdade entre os homens pode ser estudada no estado natural e civilizado da natureza humana. Em relação a causa da desigualdade natural, não é possível encontrá-la devido ao estado de pureza da natureza humana, e nem uma relação com o estado civilizado. O pensamento de Rousseau contribuiu para questionar por que alguns homens, que mandam, se tornam muito mais importantes do que os que obedecem, se a dignidade, as virtudes e valores humanos se encontram em todos homens? Percebe-se que Rousseau sugeriu que a resposta deve surgir entre os que são oprimidos. *O Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, trata-se de marcar – no progresso das coisas – o momento em que, sucedendo o direito à violência, a natureza humana foi submetida à Lei; também de explicar por que os perversos, em que o forte explora e servir-se da submissão do fraco, e o povo a procurar uma inexistente felicidade. Rousseau afirmou: “Oh! homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam as tuas opiniões, escuta: eis a tua história, tal como julguei lê-la, não nos livros dos teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza, que não mente nunca, tudo o que partir dela será verdadeiro”.

Na extensão dessa coluna, sinta-se convidado a audição do Neoclassicismo do 289 Domingo Sinfônico, deste dia 18, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. O Neoclassicismo – na música erudita – teve a influência do alto classicismo grego a partir da filosofia clássica: do Naturalismo (600 a.C.); da Sistemática (400 a.C.); e da Ética (200 a.C.). Os filósofos do século dezoito refletiram a igualdade, a liberdade e simplicidade. Eles utilizaram as Leis da Matemática e da Física, e utilizaram as constantes irracionais, entre essas o número irracional Phi (1,6...), descoberto pelo filósofo grego Fídias (480 a.C. - 430 a.C.); a sequência de Fibonacci (1170 d.C.-1250 d.C.); o conceito de simetria dos filósofos Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.); e as teses do filósofo Policletto (460 a.C.-420 a.C.).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Atravessando o inconsciente

Quero ser justo. Minha mãe era crua, mas era generosa.

Ela lavava a calçada e as pessoas ficavam olhando. Era uma mulher muito limpa ou fora do controle. Quando ela morreu, escrevi um verso e coloquei dentro de seu vestido, na última cerimônia. Eu fiquei triste naquele janeiro de 1993. Minha mãe morreu perto do mar, na casa de meu irmão William, na Praia do Bessa.

Minha mãe não sabia ler, nem escrever e aquilo me deixava mais arrasado. Minha mãe não era um poema para ser eterno. Contava poucas histórias da sua vida, sobre seus pais, da luta para viver com dignidade. Minha mãe nasceu em Serra Branca.

Sempre tocava no tema preferido. Ela dizia que achava o casamento uma coisa insuportável, não pela falta de amor, mas o que amor representava para ela numa vida a dois (?).

Quando o sol iluminava o seu dia, ela já estava de pé. A casa parecia seu viveiro, a cuidar e desarmar as redes dos filhos que voaram. Era uma insistência deixar a casa limpa, tomar seu café preto e fazer o almoço, as tarefas da manhã. Depois que lavava os pratos, ela tirava um cochilo.

O fogão era de alvenaria e o fogo do carvão era mais belo que o do gás butano. Até os bolos de leite ela fazia nesse fogão. Suas mãos pareciam um moinho. Minha mãe era o sal da vida. Nunca viu um filme, nunca leu um livro, mas tinha sabedoria.

Da dificuldade de ter tido muitos filhos, foram nove, e o salário de meu pai era pequeno, apesar dos bicos de encanador, electricista e pintor de parede. Meu pai lia muito e isso lhe deu mais vida. A todos nós, a mim, principalmente.

Quando eu disse a minha mãe que viria embora pra capital, ela não esboçou nenhuma emoção. Me ajudou a fazer a mala. Meu pai ficou triste, afinal eu era o caçula e estava saindo do ninho na metade da década de 1970. Sem dinheiro a vida não parecia boa, mas era. No sertão, a gente conhece todo mundo e isso já é um pouco de saúde.

Vivíamos dias de paz e guerra. No dia em que eu vim embora, ela disse: “Meu filho, se pegue com as mulheres, elas vão te proteger”. Eu achei aquilo forte. Ainda hoje, eu penso no que ela me disse: meu filho, se pegue com as mulheres...

Quando Zeca Veloso, filho de Caetano Veloso, escreveu a música 'Todo Homem - precisa de uma mãe', lembrei das mulheres que se tornaram minhas mães em João Pessoa: uma tia, Lua Almeida, Maria de Caumo, Mãe Velha, (Iraci Lacerda), minha prima Rosa e a mãe de Francis. Acho que todas as mulheres que chamo de senhora, são minhas mães.

A vida melhorou? Sacadas de persistência andam comigo. Tanta gente boa me socorre. Eu boto fé na compaixão. E sonho com todas as mães.

Dispensada às informações indispensáveis, quero ser justo, minha mãe era crua, mas era generosa.

A presença de meu filho Vitor não tira de mim a mãe que também sou dele (era eu que dava banho no bebê, numa banheira azul) Tantas vezes meu pai fez esse papel, afetuoso, de me colocar no colo e botar pra dormir.

Ainda hoje, no silêncio, atravessando o inconsciente, um rio profundo, como diria Adélia Prado, sinto a presença de Deus na mãe de todo mundo..

Kapetadas

1 - Chá Pado - Festa do primeiro porre do menino.

2 - O Brasil precisa investir mais no assanhamento básico.

3 - Som na caixa: “Minha mãe me deu a vida/ E sempre ela me dará a vida”, de César Lacerda e Jorge Mautner.

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Revendo “coisas de cinema” nas revelações de um autor

Em uma de minhas costumeiras chegadas pela manhã à Adufbb – hoje quase nenhuma, em razão desse incomodo jubilado –, recebo da atenciosa amiga Maria da Guia o seu tradicional cumprimento de bom dia! A seguir, ela foi logo dizendo: “Professor Alex, olhe aqui a sua nova revista”. Ao que, de pronto, agradei. E logo ali em frente, na espaçosa sala e de mesa ampla, onde tinham habituais assentos alguns companheiros docentes, como Zé Nilton, Hildeberto Barbosa e Nivalson Miranda (de saudosa memória), fiquei a ver o nosso mais novo periódico.

Tratava-se de mais um exemplar da revista *Conceitos*, publicação da Adufbb, na qual, dentre os vários temas de interesse, inclusive sobre cinema, vejo texto do amigo e historiador Zé Octávio de Arruda Mello. Com o título de *Dois livros na revelação de uma realidade*, o autor abre abordagem sobre duas obras também suas, embasando uma nova argumentação política. As obras citadas eram *Da Resistência ao Poder*, que tratava do PMDB, partido político com alcances em alguns estados brasileiros, inclusive na Paraíba, entre 1965/99, e *Conflitos e Convergências nas Eleições Paraibanas*, que fazia referência a um período mais curto, de 1982 a 2006.

Mas, que relação teriam as publicações citadas com o cinema? No caso da primeira obra, à página 53 da revista *Conceitos*, Zé Octávio argumentava sobre alguns grupos ativos de resistência da “Frente de Redemocratização”, influenciados pelo partido, e suas agitações nas áreas culturais, religiosas e estudantis, inclusive na cidade de Santa Rita, a partir de 1974. Essa foi a dica que me levaria ao movimento cultural que vivi naquela cidade, juntamente com uma meia dúzia de companheiros, alguns deles já cursando Direito na UFPB, a exemplo do meu primo

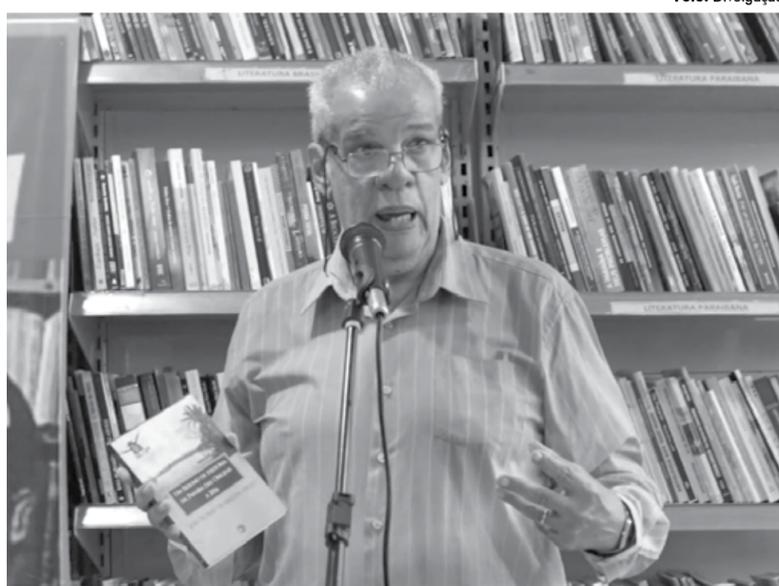


Foto: Divulgação

Historiador José Octávio de Arruda Mello, com texto presente na nova edição da revista ‘Conceitos’ (Adufbb)

e ex-juiz de Itabaiana (que Zé Octávio o conheceu), Reginaldo Antonio de Oliveira, já falecido. Ele, quando estudante, até foi levado às barras da PF, enquanto nós do grupo buscávamos refúgio na Casa Paroquial, ao lado da Igreja-Matriz, para escapar da militar inquisição.

Naquele final dos anos 1960, até meados de 1970, muitas das nossas ações eram através das reuniões do Grupo de Estudos Sócio-Culturais (Gresc), que funcionava sob a égide da igreja local, tendo como párocos dois padres vindos da Bélgica, Paulo e Maurice Koeler, que sucederam ao Mons. Rafael de Barros. Sob um manto de religiosidade, publicávamos o jornalzinho *Os Sinos de Santa Rita*, um periódico semanal impresso em xerox, cujo conteúdo era de pura resistência cultural e alimentado pelas ideias e sessões matinais do Cineclub

Hitchcock, sempre aos domingos, em um dos cinemas de meu pai. Inclusive, numa das sessões com a exibição de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, fomos parar também na PF para dar explicações. Era um inferno viver cultura naqueles tempos...

Enfim, terá sido sempre assim... Mesmo não sendo “coisas de cinema”, no sentido mais estrito da arte, o amigo Zé Octávio sempre me deixa alguma fresta de luz às reflexões. Como agora, com o seu mais novo rebento em brochura que me brindou (*Arapuan e o Rádio Paraibano*), sobre o qual, oportunamente comentarei. Mais uma obra singular sobre a nossa cultura, tudo isso, graças ao dinamismo liderante do grupo “José Honório Rodrigues”, do qual tenho a honra de participar. – Mais “Coisas de Cinema”, no blog: www.alexantoyos.com.br



APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema (APC) – Cadeira 33, Patrona: Nautília Mendonça (Ocupante: atriz Marcélia Cartaxo). Paraíba de Espírito Santo, Paraíba, Nautília Carneiro de Mendonça dedicou grande parte de sua vida ao teatro paraibano. Integrou os elencos das peças *Um Sábado em 30* e *BR-230*, dentre dezenas de outros espetáculos. No cinema atuou em *Menino de Engenho*, de Walter Lima Júnior, fazendo o papel da sensual Zefa do Cajá, também em *Fogo Morto*, ambos inspirados nos romances de José Lins do Rêgo. Sua morte se deu na plenitude de sua capacidade artística, aos 53 anos de idade.

‘Mês das Crianças’

Programação de hoje traz sarau poético

Foto: Jairo César/Divulgação

Dando continuidade à programação do ‘Mês das Crianças’, a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) exhibe hoje, a partir das 16h, mais duas atrações voltadas ao público infantil. As transmissões ocorrem no canal da instituição no Youtube (/funescpbgov).

A primeira, às 16h, será o ‘Saraulepe’, um sarau poético, ao vivo, só com crianças, apresentado pela atriz Suzy Lopes. Na transmissão, as crianças convidadas vão recitar e declamar, poderão ler poesias, cantar, dançar, fazer brincadeiras com rimas, dentre outras performances.

Ao todo, nove crianças participam do ‘Saraulepe’: Ivan Coelho, Beatriz Gomes, Lorena Vitória, Eleonora Calado, Luma Brito Viana, Bárbara Araújo, João Paiva Porpino, Matias Galvão Porpino e Matheus Córdula.

De acordo com Suzy Lopes, também idealizadora do projeto, o evento valoriza o lado artístico de cada criança, provoca o interesse pela cultura e favorece um momento lúdico em família e ao público em geral, “pois certamente a casa inteira irá se mobilizar neste momento”.

Logo em seguida, às 17h, haverá a apresentação do Quarteto Gazzzi de Sá, da Escola Estadual de Música Antenor Navarro (EEMAN), que tocará diversos



Comandado pela atriz Suzy Lopes, ‘Saraulepe’ terá apresentações como a da musicista Beatriz Gomes (foto)

instrumentos, como flauta, violino, piano, marimba e violoncelo, interpretando músicas de conhecidos compositores brasileiros. O objetivo do quarteto é permitir a experiência da música de câmara a crianças e aproximar a música popular e de concerto ao público ouvinte.

No repertório, ‘Assum Preto’, de Humberto Teixeira; ‘Paraíba’, de Luiz Gonzaga; ‘O Trenzinho Caipira’, de Villa-Lobos, dentre outros, com os intérpretes Júlia Xavier, Miguel Mochizuki, Rebeca Oliveira e Sthefany Campelo. Os arranjos são de Geraldo Rocha.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Funesc no Youtube

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertbarbosa@bol.com.br

A máscara

A máscara me trouxe mais um enigma. Coisa boa da covid-19.

Antes, não tinha o desejo de saber que gosto, que desgosto, que alegria, que tristeza pontificavam atrás do rosto. Antes, o rosto se dava por inteiro, e os lábios apareciam de todo. Lábios múltiplos, ternos, tímidos, tímidos, tépidos, anônimos, pálidos, carnudos, melancólicos, devassos, infernais, paradisíacos.

Antes, tinha a boca para desejar, com seu sal e saliva, os sortilégios que brotam da intimidade da carne e parecem luz ao buscar a geografia desconhecida de outros idiomas.

Antes, tinha o rosto, completo e refeito, na travessia do olhar que vê para além do visto. Antes da máscara, o mundo da beleza se espalhava na gratuitidade das ofertas cotidianas. O mundo era claro e aberto como as coisas naturais.

Mas gosto do mistério. Amo as coisas incompletas. Gosto do que apenas se insinua e nunca se realiza. Gosto das plenitudes fraturadas. Pode parecer estranho, mas gosto da máscara.

Começo a imaginar as histórias que não foram narradas por trás das pupilas observadas de relance. As sobrancelhas ganharam dimensões outrora imperceptíveis. São elas, agora, que nos convidam à volúpia dos naufrágios em sua insensatez feita de sombra e poesia.

A máscara é como aqueles poemas do século 17, cheios de sinais significativos e de significados cifrados e alucinantes. Nas mulheres que usam o véu, lá pelas bandas da Arábia, tudo está codificado pela lei moral e pelo dispositivo religioso. Aqui, não. Aqui, máscara é fruto da tragédia. E dentro de seus círculos escuros e concêntricos, existe a possibilidade da beleza, do ardor, do horror e do crime.

Mas, vejamos bem: já não usávamos a máscara? Sim, essa máscara horrível das representações sociais, símbolo corriqueiro da hipocrisia e da ideologia do consumo. Prefiro, portanto, à da covid. Negra, branca, colorida, delicada, geométrica, simples, sofisticada, lírica, épica, dramáticas como as nuances históricas e epidêmicas da própria linguagem.

Se ela é morena, a máscara que calha bem deve ter a coragem insubstituível da liberdade. Se ela é alva, alva como os dedos imaculados da aurora, realça melhor o tecido escuro das linhas arenosas com que se tecem a pele do amor.

Na verdade, nem a cor, nem a marca, nem o tecido, nem o formato, nem o tamanho, nem a medida importam tanto na nudez da máscara. Importa, sim, o que a máscara esconde e promete.

Elas, de certo modo, ficaram mais elas. A máscara parece habitada por uma sensualidade incompreensível e, não sei por que, cada máscara pede uma leitura, um sonho, uma carícia, como que dizendo: “Estou aqui e ali onde a ausência se formula com seus poderes mágicos e seus infortúnios deliciosos”.

Por ora, acabou-se o reinado do lenço, do xale, do cachecol, do manto, da luva, da fita, da película, do cinto, definido curvas e linhas, detalhes e epifanias. Agora, o império é da máscara, na exclusividade dos olhos.

E elas continuam sendo elas. As mesmas. Magia e auréola. Reais e inatingíveis. As que ninguém entende, muito embora admiradas e amadas no esconderijo da imaginação e do silêncio que posuem as melhores coisa do mundo.



Foto: Divulgação

“Máscara é como aqueles poemas do século 17, cheios de sinais significativos”

Atlético enfrenta o América no Perpetão de olho no G4

Uma vitória sobre o líder do Grupo 3 da Série D do Brasileiro pode aproximar o time paraibano da zona de classificação

Stefano Wanderley
stefano.wanderley@hotmail.com

Com o desfalque do goleiro Ariel, entregue ao departamento médico, Rémeron deverá ser a novidade do Atlético para a partida contra o América de Natal, líder da chave com 11 pontos, hoje, no estádio Perpetão, às 16h, pela 6ª rodada da Série D do Campeonato Brasileiro 2020. Com seis pontos na tabela do Grupo 3, ocupando a sexta colocação, o "Trovão Azul" do Sertão paraibano para continuar sonhando com a classificação, à próxima fase, necessita da vitória dentro de casa contra o clube potiguar e, para isso, o técnico Éderilson Araújo vai poder contar com o retorno do atacante Paulinho, que cumpriu a suspensão automática na derrota para o Afogados, por 3 a 2, na última quarta-feira.

Outro que tem a possibilidade de iniciar como titular é Enercino, que pode ocupar a vaga de Patrick. Enercino, que é meia atacante, tem a chance de ocupar um dos espaços na parte ofensiva do clube paraibano. Sobre a expectativa do confronto contra o líder do Grupo 3, o diretor de comunicação, Joacy Júnior, destacou o trabalho de recuperação física e correção de erros. "A expectativa é que possamos fazer uma grande partida, pois o time está fazendo um trabalho técnico e tático para corrigir as falhas e fazermos um grande jogo, claro, que respeitando a equipe do América. Vimos que a equipe vem evoluindo nos últimos jogos e que logo mais teremos um bom jogo", disse.

O Atlético deverá entrar em campo com: Rémeron (Gabriel), Iranilson, Wandererson, Egon e Guilherme; Jean Santos, Peu, Michel e Enercino (Patrick); Paulinho (Pachu) e Bruno Gonçalves. A arbitragem será de Wagner Francisco Souza, da Bahia e os assistentes: Paulo Ricardo Alves Farias e Rafael Guedes de Lima, ambos da Paraíba.

América

O América de Natal vem de uma vitória por 3 a 0 sobre o Guarany de Sobral, atuando em seus domínios. Foi o terceiro triunfo consecutivo, depois de ganhar do Globo-RN por 2 a 0 e do Afogados por 3 a 1. O ataque mostrou a sua força com oito gols nos três jogos e a defesa levou apenas um gol. A equipe comandada por Paulinho Kobayashi lidera o Grupo 3 com 11 pontos.

Para o confronto deste domingo em Cajazeiras, o técnico Paulinho Kobayashi não poderá contar com os meio-campistas Felipe Guedes e Romarinho, que receberam o terceiro cartão amarelo na vitória sobre o Guarany na última quarta-feira na Arena das Dunas.

A rodada deste domingo marca o final do primeiro turno do Campeonato Brasileiro da Série D.



Foto: Instagram/Atlético

Os jogadores do Atlético estão confiantes e esperam comemorar gols contra o América de Natal, hoje, no Estádio Perpetão

Botafogo joga amanhã diante do Manaus na Arena da Amazônia

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Nunca a vitória foi tão necessária ao Botafogo na Série C do Campeonato Brasileiro 2020. A equipe está na zona de rebaixamento e precisa reagir. Nesta segunda-feira, o Belo entra em campo para enfrentar o Manaus, na Arena Amazônia, às 20 horas, fechando a décima primeira rodada. A arbitragem da partida será de um trio do Ceará, comandado pelo árbitro Léo Simão Holanda, que terá como assistentes Jailson Albano da Silva e Eleutério Felipe Marques Junior.

Após a derrota para o Treze, o Botafogo reagiu e venceu o Ferroviário, na primeira vitória do time jogando no Almeidão. Mas, apesar do bom resultado, não evitou entrar na zona de rebaixamento, com 11 pontos e na penúltima colocação. O jogo contra o Manaus passou a ser uma luta direta para fugir do Z2, já que o time do Amazonas também tem 11 pontos, mas está uma posição acima, por causa do saldo de gols.

Para o técnico Rogério Zimmermann, o Botafogo tem tudo para fazer um segundo turno totalmente diferente do primeiro e a



Foto: Josemarphotopress

A vitória sobre o Ferroviário deu mais confiança aos jogadores do Botafogo que esperam conquistar mais três pontos amanhã, em Manaus

vitória contra o Ferroviário mostrou isso. O time está reforçado e os jogadores que chegaram já começam a mostrar entrosamento e melhora individual.

Para essa partida, o treinador poderá contar com mais um reforço, o atacante Cristian Dal Bello, de apenas 20 anos, que veio do Brasil de Pelotas.

Ele já foi regularizado e está pronto para jogar. A única dúvida é o lateral Cristiano, que passou a semana tratando uma contusão sofrida contra o Ferroviário, mas tudo indica que está recuperado. Se ele não jogar, Mário Sérgio, de contrato renovado, deverá ser o substituto.

A provável escalação do Belo em Manaus será a seguinte: Felipe, Marcos Martins, Luiz Gustavo, Rodrigo e Cristiano (Mário Sérgio); Vitorino, Juninho, Rodrigo Andrade e Igor Leite, Diego Rosa e Ramon.

No Manaus, o técnico Luizinho Lopes quer aproveitar os dois jogos que terá na sequência em casa, Botafogo e Jacuipense, para chegar no G4. Segundo ele, apesar da equipe estar a uma posição da zona de rebaixamento, está também a apenas 3 pontos do último colocado do G4.

O Gavião do Norte ainda não perdeu jogando na Arena Amazônia, e o treinador aposta neste retrospecto positivo para esperar uma grande exibição contra o Botafogo e consequentemente uma vitória. O Manaus vem de uma derrota fora de casa para o Vila Nova por 2 a 1, na última segunda-feira.

JOGOS DE HOJE

- Série A
 - 16h
 - Corinthians x Flamengo
 - 18h15
 - Internacional x Vasco
 - 20h30
 - Bragantino x Sport
 - Fortaleza x Palmeiras
- Série B
 - 20h30
 - Paraná x
 - Sampaio Corrêa
- Série C
 - 16h
 - Jacuipeense x Imperatriz
 - 18h
 - Paysandu x Vila Nova
- Série D
 - 15h
 - Bragantino-PA x Rio
 - Branco-AC
 - Guarany-CE x Afogados
 - Central x Coruripe
 - Real Noroeste x
 - Goianésia
 - Caxias x Novorizontino
 - 15h45
 - Altos x Sinop
 - 16h
 - Ji-Paraná x Galvez
 - Atlético-PB x
 - América-RN
 - ABC x Freipaulistano
 - Itabaiana x Potiguar-RN
 - FC Cascavel x
 - Portuguesa-RJ
 - Tubarão x Pelotas
 - 17h
 - São Raimundo-RR x
 - River-PI
 - São Luiz x Marcílio Dias
 - 18h
 - Vilhenense x
 - Independente-PA
 - São Caetano x Joinville
 - 19h
 - Águia Negra x
 - Operário-VG



Afinal,

por que é importante estudar e entender os cupins?

PB é um dos principais núcleos de pesquisa desses insetos nas Américas

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Cupins. Para muitas pessoas, somente o nome já representa preocupação e desejo de exterminar, uma vez que eles se proliferam rapidamente e se alimentam de estruturas de madeira, viva ou morta. Muitas pessoas, porém, não sabem que esses insetos são fonte de alimentos para muitos animais e colaboram para a fertilidade dos solos das florestas tropicais, portanto, são essenciais para o meio ambiente. E a Paraíba se destaca no cenário nacional quando o assunto é colecionar e estudar esses pequenos seres.

A coleção de cupins da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) é a maior do Nordeste e a terceira maior do Brasil, segundo levantamento feito por pesquisadores da área de Termitologia (ciência que estuda esses insetos). “Hoje, a Paraíba é um dos principais núcleos de estudos de cupins nas Américas. Devido a esse fato, temos o completo controle das espécies benéficas e pragas no Estado. Podemos, de forma adequada, desenvolver práticas de controle voltadas aos cupins nocivos, tanto no meio urbano como na agricultura”, afirmou Alexandre Vasconcelos, doutor em Zoologia, coordenador do Laboratório de Termitologia (LabTermes), do Departamento de Sistemática e Ecologia, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) da UFPB, no Campus I, em João Pessoa.

Fundada em 1993, a coleção de isoptera da UFPB possui mais de 11 mil lotes (amostras de cupins) depositados em seu acervo, com mais de 200 espécies identificadas. Também possui cerca de 300 lotes resfriados continuamente para estudos moleculares.

Segundo ele, o resultado do levantamento ocorreu quando a UFPB precisou analisar os bancos de dados das diversas coleções de cupins existentes no Brasil para registrar em um livro sobre as espécies da América Latina. “Pelo banco de dados analisado, constatamos que a coleção da UFPB era a terceira do país”, salientou.

À frente da Paraíba estão apenas o

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP), com 25 mil lotes; e a Universidade de Brasília (UnB), com 12 mil. Mas a coleção paraibana deverá ficar maior. A ideia é aumentar o acervo para 50 mil lotes, abrindo o seu banco de dados para todas as instituições do mundo. As espécies registradas no LabTermes são exemplares da Floresta Atlântica, Caatinga, Brejos de Altitude, Floresta Amazônica e Cerrado brasileiro.

No CCEN, os cupins são armazenados em pequenos frascos com álcool 80% e inseridos em recipientes maiores, também com álcool, para diminuir a evaporação. Participam dos estudos no Centro estudantes de graduação e pós-graduação da UFPB, que integram vários projetos relacionados aos cupins. Há ainda estudante do Ensino Médio, que faz estágio no local e faz parte da equipe.

O professor Alexandre Vasconcelos enfoca que, a partir da disseminação do banco de dados da UFPB, será possível fazer inferências sobre o nível de conhecimento da biodiversidade, sua distribuição no planeta, estado de conservação dos ecossistemas terrestres, extinção de espécies, introdução de espécies exóticas e status praga das espécies no Brasil e no mundo. Para saber mais informações sobre o estudo de cupins, basta visitar o Instagram do LabTermes, (@labtermesufpb) ou o site (<https://labtermesufpb.wixsite.com/labtermesufpb>).

▶▶▶ Continua na página 14

SAIBA MAIS

A doutora em Zoologia, Flávia Maria da Silva Moura, explica a importância funcional dos cupins no equilíbrio ecológico: “Suas atividades de construção de ninhos e busca por alimentos alteram fisicamente o solo. Seus túneis no solo aumentam consideravelmente a porosidade e aeração, mantendo a terra descompactada, favorecendo a infiltração e retenção de água”.

Flávia é professora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Flávia lembra que estudar os cupins é indicado nos trabalhos de monitoramento e análise da qualidade ambiental



Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

As pessoas encontram-se e buscam, sim

Não lembro qual o filósofo, poeta ou dramaturgo que considerou a inexistência do bem puro no estado puro. Eles não existiriam no princípio de tudo, a não ser que o pensamento o(s) tornasse(m) assim. Desde que saí da adolescência, comecei a entender que o mal nada mais era do que ausência do bem.

Procuro sempre a gente, a “galera do bem”, o povo de “sangue bom”, sem com isso desejar excluir os que aparentemente são “do mal”. Pacifista, não concordo com exclusões definitivas de pessoas. O fato de procurar permanentemente a “minha tribo” é causado pela necessidade de fortalecimento de uma corrente de pensamento, de uma energia concentrada para que o mundo melhore.

O planeta, “in totum”, só pode melhorar a partir das evoluções e revoluções individu-



ais. Reunindo-se indivíduos, grupos podem ser formados.

Um exemplo disto está nos “tuitteiros culturais”, que estão utilizando um miniblog coletivo (uma rede social) numa luta pela educação e cultura no Brasil, a partir do hábito da boa leitura.

Grupos desenvolvidos intelectualmente, filosoficamente, podem mudar uma cidade, depois um Estado. Afinal, um país. Por que não? E se vários países forem beneficiados com mudanças paralelas?

O apelo da canção “Save the Earth”, gravada por Michael Jackson, poderia ser atendido.

Um gesto de afeto leva ao pleno amor. Isto não é uma utopia. Não é virtual, apenas para “delírio” isolado frente ao monitor do PC, em casa.

É realidade plena, pois as pessoas entram nos shoppings, nos parques, nas escolas, nas universidades, nos restaurantes...

As pessoas encontram-se e buscam, sim.

Sei que a violência em cada dia que passa é mais exacerbada e banalizada. Sei do grande problema que é o enfraquecimento das relações familiares.

Sei do quanto a política alia-se ao reducionismo da economia para colocar em plano inferior a saúde, a educação, a cultura.

Sei também, entretanto, que a raça humana tem uma enorme capacidade de reciclar-se e projetar-se para um futuro bem melhor. Eu creio.

Nós podemos

Os que exercem os poderes públicos - de assessores de secretarias municipais e estaduais aos ocupantes da Esplanada dos Ministérios e do Palácio do Planalto - são gerentes de desejos nossos.

Somos os tais milhares de cidadãos que os colocamos nos gabinetes que usam. Assim devem nos tratar bem em cada gesto, pronunciamento, encaminhamento, decisão. As canetas e os teclados que usam devem ser extensões de nossas verdades - nunca absurdas, mas naturais sonhos de lazer, saúde, educação, emprego, cultura...

Um chefe de alguns dos setores das máquinas administrativas das Prefeituras, dos Governos Estaduais e Federal, deve entender que está na função por causa de nós, que elegemos a pessoa que o nomeou. Precisa compreender também que, por exercer cargo público, é obrigado a atender a todos sem distinções partidárias, o que inclui

um cidadão que porventura não tenha votado no responsável por sua nomeação.

Os Municípios, os Estados e a União não são empresas privadas, onde seus proprietários podem mandar de acordo com os objetivos particulares. Mesmo assim, o privado procura atender bem ao público, para ter êxito.

Nada há de utópico no que escrevo. Com o exercício pleno da democracia, por exemplo, o então presidente Barack Obama conseguiu com que o projeto de reforma da saúde fosse aprovado, derrubando históricos interesses em meio a intensos debates. Se Donald Trump quer desmanchar em definitivo coisas que Obama fez, são outros quinhentos, que a democracia saberá impedir.

Obama soube ser um gerente de desejos públicos. No Brasil, infelizmente, inúmeros gestores públicos preferem ser gerentes de interesses privados. Nós podemos dar um freio nisso. Sim, nós podemos.



▶▶▶ Continuação

Poucas espécies trazem prejuízo à humanidade

Por mais que a imagem dos cupins esteja associada aos estragos deixados em móveis de madeira e árvores, a grande maioria deles é benéfica ao homem e ao meio ambiente. Das cerca das 3.100 espécies conhecidas no mundo, menos de 5% possuem algum potencial maléfico, como as pragas que atingem o meio urbano e a agricultura.

A doutora em Zoologia, Flávia Maria da Silva Moura, professora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), afirma que a importância funcional dos cupins nos ecossistemas está relacionada à sua grande influência na aceleração da decomposição da matéria orgânica, na ciclagem de nutrientes, e na movimentação de partículas minerais do solo.

Segundo ela, os cupins também têm sido indicados como insetos adequados para monitoramento e análise de qualidade ambiental, devido à sua importância funcional nos ecossistemas tropicais e à sensibilidade de suas populações quando ocorrem perturbações ambientais.

O professor Alexandre Vasconcelos, doutor em Zoologia e professor da UFPB, acrescenta que essa movimentação dos insetos na terra favorece a agricultura. "Isso acontece porque os cupins constroem ninhos e túneis no interior dos solos e, muitas vezes, transferem material do solo profundo para a superfície, e material orgânico da superfície para camadas mais profundas. Desta forma, solos com alta atividade de cupins tendem a ser mais produtivos".

Ele conta que, quando uma árvore cai na floresta, por exemplo, ocorre naturalmente um processo de decomposição que acontece por meio de fragmentação mecânica, realizada pelos cupins; e de mineralização química, feita por fungos e bactérias. Esses dois processos tornam os nutrientes da árvore caída disponíveis para serem reabsorvidos pelas outras plantas da floresta.

"Sendo assim, a ausência da fragmentação mecânica alteraria toda a dinâmica da decomposição da matéria orgânica vegetal,

dificultando a ação dos fungos e das bactérias e, por consequência, retardando a liberação dos nutrientes para o meio. Portanto, sem os cupins, uma árvore caída poderia ficar anos sobre o solo de uma floresta, retendo os nutrientes presentes nela", declarou Vasconcelos.

A importância dos cupins no meio ambiente ainda se estende à posição deles na cadeia alimentar, pois fazem parte da dieta de muitos outros animais. Entre os seus predadores naturais estão libélula, louva-a-deus, besouro, percevejo, vespa, formiga, tamanduá, aves, sapo, cobra, peixe e lagarto.

Fonte de proteína

Os seres humanos também já incluíram, pelo menos, 45 espécies de cupins em sua dieta ou como ração para o gado e galinhas. "E outras nove espécies são usadas como recurso terapêutico no tratamento de doenças", enfatizou Vasconcelos.

"A quantidade de proteínas nos alados dos cupins pode representar 39% do seu peso seco, superior a quantidade de proteínas presentes no peito de frango (32%), costela suína (30%) e alcatra (31%)". Em outras palavras, comer cupins pode ser uma excelente alternativa para o futuro da humanidade. Não só os cupins, mas o consumo também de outros insetos", completou.

SAIBA MAIS

Além da madeira, os cupins também se alimentam de elementos presentes no solo como líquens, húmus e epifitas. Os ninhos de algumas espécies chamam a atenção pelo tamanho e formato. Eles podem alcançar até oito metros de altura que, em relação ao tamanho do corpo do construtor, equivaleria a um prédio com mais de 700 andares, ou com 2,4 km de altura, seis vezes maior do que os extintos prédios do World Trade Center (USA).



Fotos: Roberto Guedes

Os cupins participam ativamente do processo de decomposição de vegetais, permitindo que os nutrientes sejam reabsorvidos pelo solo



O professor Alexandre Vasconcelos mostra coleção de cupins da UFPB com 11 mil amostras

Como evitar as infestações?

Os cupins são insetos que vivem em sociedade de forma organizada, formada por um sistema de castas subdivididas em rei, rainha, operários, soldados e alados ou ninfas (que formarão as futuras colônias). Todos têm funções definidas, sendo o casal real responsável pelas ações e reprodução dentro do grupo. Milhares de ovos podem ser atribuídos a uma única rainha, com registro de postura de até 86 mil ovos diariamente, dependendo da espécie.

O rei e a rainha podem viver por mais de 20 anos, repetindo vários ciclos reprodutivos. Por isso, quando uma árvore ou um móvel de madeira são atingidos pelas espécies consideradas pragas, não é fácil se livrar da colônia. Mas, segundo a doutora em biologia e professora do Programa de Pós-graduação em Ecologia e Conservação, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Maria Avany Bezerra Gusmão, há como prevenir a infestação

de cupins.

"Mantenha os cômodos da casa sempre bem arejados e iluminados; cupim não gosta de luminosidade. Afastem os móveis das paredes até uns 10 centímetros. Evite deixar galhos de árvores caindo em cima dos telhados e tenha cuidado com as podas, pois poda mal feita pode servir de reservatório para instalação de novas colônias de cupins após suas revoadas ou enxameagem", orientou.

Avany Gusmão explicou que após o período de chuva, é importante colocar bacias cheias de água debaixo de um ponto de luz, pois os cupins revoam nestes períodos e são atraídos pela luz. Nesse caso, deve-se evitar o máximo de lâmpadas acesas nestes dias durante as primeiras horas da noite. "Se encontrar alguma peça já infestada, o melhor remédio é se desfazer dessa, pois há risco de reinfestação em outros móveis do ambiente", alertou.

Pragas

O professor Alexandre Vasconcelos, doutor em Zoologia e professor da UFPB, afirma que na Paraíba existem cerca de 60 espécies de cupins e, dessas, somente duas são responsáveis por pragas no meio urbano: são as *Nasutitermescorniger* e a *Cryptotermesbrevis*.

Em um estudo que sorteou aleatoriamente 195 imóveis em João Pessoa, incluindo aqueles do patrimônio histórico, foram encontrados cupins em 85% desse total analisado. "O estudo foi realizado em 2002, mas acredito que não mudou muita coisa de lá para cá", enfatizou Alexandre.

O tipo *Nasutitermescorniger* é de fácil identificação, uma vez que fazem ninhos escuros, de forma arredondada, sobre árvores ou em outras estruturas. Dos ninhos, partem túneis sobre a superfície por onde eles se deslocam, interligando o ninho às fontes de alimento.

O controle dessa espécie pode ser feito sem uso de inseticida. "Ao retirar o ninho, basta fragmentá-lo, colocar álcool ou querosene, sem pôr fogo", aconselhou.

Já as espécies *Cryptotermesbrevis* vivem dentro da peça de madeira que ataca, formando galerias escavadas em decorrência de sua alimentação. Uma das características dessa espécie é que, no local em que se instala, deixa uma espécie de bolinhas, semelhante a grãos de areia (as fezes dos cupins).

O controle de peças infestadas por estes cupins é feito com uso de inseticida apropriado. Neste caso, é preferível chamar pessoal qualificado, pois há risco de intoxicação.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Voto de azar

Tem gente que recebe voto de pesar, depois de falecido. Outros conseguem voto de louvor, encômios gerais de louvamento chapa branca nas câmaras e assembleias. Eu recebi voto de desaprovção na Câmara de Itabaiana do Norte. Um amigo vereador apresentou meu livro "História de Itabaiana em versos" para ser objeto de voto de distinção, mas foi voto vencido. A oposição cismou que meu livro seria um compêndio de chaleirismo ao prefeito e detonou a homenagem. Para completar minha atribulação moral, recebo recado eletrônico do meu desafeto Maciel Caju, vazado nos seguintes termos hostis e malcriados:

"Desprezado Fábio Mozart, escrevo daqui para protestar contra tamanha maldade que fizeram com você aí na terra que não lhe viu nascer, mas onde sua cabecinha de retardado disparou as primeiras evacuadas mentais. Hoje, já velho e caquético, você leva uma desconsideração dessa, que é o

voto de desaprovção do seu livrinho pela Câmara Municipal, desconsiderando seu estado mental de portador de alzheimer, Parkinson, hemorroidas e unha encravada, sem falar no membro flácido e arroto azedo.

Clama aos céus tamanha injustiça dos vereadores, porque você merecia mesmo era voto de repúdio! Reza a lenda que uma figura daninha como vossa mercê, no caso um tal de Bione, lá do Recife de becós e pontes, recebeu um voto de repúdio da Câmara local e até hoje arrota grandeza. Diz o tal Bione, editor de um pasquim chamado 'Papa figo', que não tem glória maior do que levar nas costas um voto de repúdio de vereador. É algo assim como ser considerado pessoa non grata pelo diabo e seus sete mil diabinhos. Em verdade, em verdade, vos digo: um cara velho de gréia igual a esse Mozart merecia esse momento de glória, esse voto de repúdio total e absoluto da

vereança. Mas porém, muito pelo contrário, só botaram terra na títica do livro que ninguém leu, mesmo considerado o alto nível de analfabetismo. Se você está mais por baixo do que traseiro de cobra nas hostes vereançaís, deve se dar por feliz.

Para um momento total de Glória Maria, o que eu desejo é que a Câmara dê seu nome para uma rua no baixo meretrício. Mas, nem tudo está acabado. Chegará o momento em que será reconhecida sua patente de escrevinhador sem futuro, com uma rua batizada com seu nome pelas autoridades incompetentes, no olho do cabaré. E depois, aprovação por unanimidade de voto de desfaçatez, com direito a discurso dos mais altos coturnos do nosso submundo político e social, fechando o firo com fala de Ameba, eterno candidato a vereador e a corno, entregando simbolicamente a chave da cidade ao homenageado e surrupiando a chave do cofre da prefeitura.

Para abrilhantar ainda mais a festança, aparece Madame Preciosa que não podia perder um evento de tamanha envergadura, que a cartomante só gosta de coisa grande. O prefeito aproveita a remandio-la para inaugurar um fiteiro, um puteiro e dois batentes de casa suspeita. No seu discurso, o licurgo (que cabrunco é isso?) finaliza obrando: 'é um grande prazer venéreo inaugurar essa via situada numa zona que tantas alegrias e blenorragias nos deu'. Com meu insincero voto de pesar pelo seu azar, Maciel Caju."

Enfim, não guardo rancor desse elemento altamente banal. O dito cujo me classifica como um "zé ninguenzinho". Maciel Caju chegou a me acusar de lítero-estelionato. Não reagi. Ele faz parte do meu mundo simbólico. Não vou deletar o sacripanta. Mesmo porque, nesta minha idade, não é bom se desfazer de conhecidos, mesmo de qualidade inferior.



Fotos: Divulgação

Projeto Bingó busca respostas para os segredos do universo

Objetivo é entender as propriedades da energia escura e se debruçar sobre a aceleração da expansão do universo

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Características da energia são desconhecidas

Marte, Vênus, Mercúrio; a Lua... Na rua à noite, sob um céu sem nuvens, distante das luzes das cidades, é como o cenário dos filmes de romance, o casal se aproxima e ao fundo está o rastro esbranquiçado da Via Láctea. Os astros se desdortinam e aos olhos parecem tão perto, mas estão distantes a milhões de anos-luz.

As estrelas visíveis da Terra são parte de uma das cerca de duas trilhões de galáxias que se acredita existir no Universo. O telescópio Hubble coletou dados por 20 anos para revelar essa quantidade aproximada; um número tão grande que nos leva à ideia de infinito. Cada uma com milhões, bilhões de astros atraídos uns aos outros pela gravidade. Olhos humanos não alcançam.

O cosmos é uma das grandes incógnitas para as pessoas. A cada resposta encontrada surgem mais duas, três, cinco perguntas! Antigos filósofos babilônicos, egípcios, gregos... A história da humanidade é permeada pelas questões astronômicas até os dias atuais.

O homo sapiens acumulou conhecimento sendo capaz de construir máquinas geniais que calculam extensas equações, detectam ondas eletromagnéticas e guardam milhões de dados. Com tal domínio, é possível buscar algumas respostas com mais acurácia. É isso que o Projeto Bingó propõe.

"O Bingó trará respostas sobre o cosmos", explica o físico Amílcar Rabelo, colaborador internacional do Projeto Bingó. "Sabemos que o Universo está em expansão, e essa expansão está acelerada; o que provoca a aceleração dessa expansão é a energia escura, mas não sabemos o que é a 'energia escura'. Este nome reflete exatamente essa ausência de conhecimento. E o principal objetivo do Projeto Bingó é entender as propriedades dessa energia, se debruçar sobre a aceleração da expansão do Universo."

Os físicos que estudam cosmologia concordam que o Universo está em expansão. Desde o Big Bang - o início de tudo - essa expansão pode ter sido mais rápida, ou mais lenta em determinados períodos, ainda não se sabe. Os cientistas já descobriram que a força causadora dessa expansão é uma energia, mas as características dessa energia ainda são desconhecidas, por isso ela foi chamada de "energia

escura". "Ela é composta por elementos desconhecidos da ciência até hoje", esclarece Amílcar Rabelo.

Boa parte dos pesquisadores descartam a ideia de explosão do Big Bang. O fato teria sido, sim, uma expansão inicial muito veloz de elementos que, ao mesmo tempo, se atraíram para formar a matéria - os corpos celestes, as galáxias. Tudo o que se conhece do Universo - e o que não se conhece - es-

tava no ponto inicial e está se expandindo. O Universo parte de uma singularidade, de um ponto, e vai expandindo sem parar.

A expansão ocorre entre as galáxias, entre as grandes concentrações de matéria, não entre os corpos que compõem as galáxias. Na Via Láctea, os planetas e suas luas, estrelas, cometas, não sofrem essa expansão; eles gravitam. Mas a Via Láctea está se afastando de

galáxias vizinhas. É como fazer pontos em um balão (bexiga) vazio; ao encher, o balão se expande e os pontos se distanciam uns dos outros.

A descoberta acerca da expansão é atribuída ao astrônomo Edwin Hubble que publicou a teoria como artigo científico em 1927 em uma revista pouco lida pelos cientistas do meio, por isso acabou ignorado. Contudo, outros cientistas chegaram à conclu-

são originalmente proposta por Hubble e justiça foi feita designando o nome à "Teoria de Hubble". Mas a comunidade de cientistas acreditava que a expansão estaria gradativamente mais lenta desde o Big Bang; até que em 1998 grupos de astrônomos demonstraram o contrário: está acelerando-se sob influência da energia escura. Então, novas perguntas surgem: Desde quando? Como se comporta essa energia?

Investigação através de captação das ondas eletromagnéticas

Uma das formas de investigar o Universo é através das ondas eletromagnéticas emitidas por elementos que estão no cosmos. Um deles é o hidrogênio, tão familiar aos seres humanos, o número 1 da Tabela Periódica. Lá no cosmos os átomos de hidrogênio neutro emitem ondas de rádio (radiação) possíveis de serem captadas da Terra por radiotelescópios.

O radiotelescópio Bingó vai detectar a radiação emitida por átomos de hidrogênio e mapear

onde eles se concentram. Onde for detectado um grande volume de radiação, é sinal de que ali há hidrogênio, por conseguinte, há matéria, ou seja, galáxias.

O Bingó vai apontar para um período determinado na "linha do tempo" (indicado no diagrama da evolução do Universo) em um período do tempo bem na borda do "copo". E fará um mapa da radiação desse recorte. Esse mapa terá cores indicando onde estão concentradas as matérias (as ga-

laxias). Com esse mapa em mãos, será relacionado o mapa feito pelo Bingó com outros experimentos, com outros mapas, para ver como essas concentrações evoluem. As galáxias estarão no mesmo lugar? Ou em lugares próximos? Qual a distância?

Dessa forma será possível calcular a ação da energia escura - a velocidade responsável pela aceleração da taxa de expansão do Universo. "Com várias imagens de recortes em pontos diferentes

no tempo será possível montar um filme dessas modificações e visualizar como estão ocorrendo. Isso trará mais esclarecimentos sobre a energia escura nos ajudando a entender a evolução do Universo hoje e até projetar no futuro", ressalta Amílcar Rabelo.

O projeto Bingó será um dos primeiros a fazer isso nessa faixa de tempo; será um feito inédito no mundo científico. É uma comprovação acurada da Teoria da Expansão do Universo.

Radiotelescópio será construído na PB

Bingó é o acrônimo em Inglês para "Baryon Acoustic Oscillation In Neutral Gas Observations" ou Oscilações Acústicas de Bárions em Observações de Gás Neutro. É um projeto de colaboração científica internacional, liderado no Brasil por Elcio Abdala, o coordenador geral, pesquisador na USP, onde é desenvolvida a parte de computação (simulações) e será feito o processamento de dados. A montagem das peças, os receptores chamados de "Corneta", é realizada no Instituto de Pesquisas Espaciais sob a coordenação de Carlos Alexandre Wuenschel e outras peças são desenvolvidas na Universidade Federal de Campina Grande, com

a coordenação de Luciano Barosi.

Está orçado em R\$ 20 milhões; a maior parcela é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo, Fapesp (R\$ 13 milhões e US\$ 1 milhão), pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (R\$ 1 milhão); FINEP (R\$ 3 milhões); Fundação de Apoio à Pesquisa da Para-

Radiotelescópio transformará a Caatinga em Aguiar e irá proporcionar desenvolvimento tecnológico e científico

íba, a Fapesq (R\$ 369 mil - PRONEX), além de equipamentos eletrônicos que serão fornecidos pela China. Conta com o apoio de instituições de pesquisa da China, Reino Unido, França, Uruguai e África do Sul.

Será construído na Serra do Urubu, na cidade de Aguiar, no Sertão da Paraíba, longe das metrópoles e da poluição eletromagnética, em uma área de cerca de 60 metros quadrados. A altura do radiotelescópio é como a de um prédio de 20 andares; certamente transformará a paisagem na Caatinga em Aguiar e irá proporcionar desenvolvimento tecnológico e científico na região e no Estado da Paraíba.

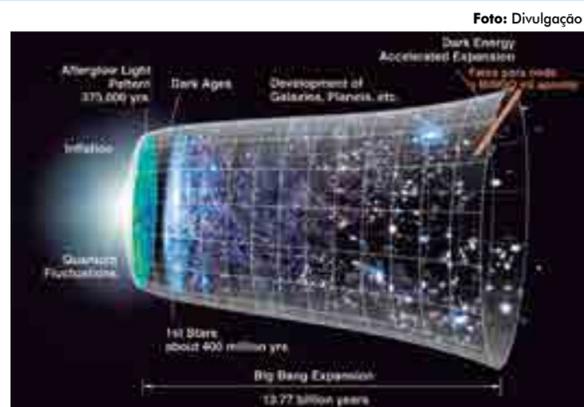


Foto: Divulgação

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Camilo da Silva, 221
ALTIPLEX José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999



Uma viagem no tempo com tons hiper-realistas

Fotos quase centenárias, restauradas pelo artista plástico Emerson Caio Lira, emprestam "vida" a nossa História

Fotos: Acervo de Petrônio Souto

Restauração: Emerson Caio Lira



Poeta paraibano Augusto dos Anjos



Dramaturgo, romancista e poeta Ariano Suassuna



Corpo do ex-governador João Pessoa, assassinado



Presidente Epitácio Pessoa reunido com sua família



Sargento Calixto, herói do acidente na Lagoa, em 1975

Lucilene Meireles

Lucilene.meirelesjp@gmail.com

A fotografia eterniza lembranças seja de um lugar, uma pessoa, uma viagem, um momento especial. Recursos modernos que estão à mão hoje permitem salvar as imagens digitais, mantendo-as intactas e sem prazo de validade. Os arquivos podem ser impressos inúmeras vezes ou compartilhadas no mundo virtual. Mas, guardar memórias nem sempre foi tão fácil. Com o desgaste natural do tempo, fotos antigas "reveladas" em preto e branco podem desaparecer para sempre se não forem recuperadas. Viva o trabalho dos restauradores que "ressuscitam" os cliques, e viva Emerson Caio da Silva Lira que, além de restaurar, confere aos velhos retratos cor e nitidez que os tornam atuais.

Nascido em Campina Grande, no Agreste paraibano, e morando em João Pessoa há mais de 20 anos, o jovem de 32 anos é autodidata e só procurou se aperfeiçoar quando teve a consciência de que era preciso aprimorar o talento nato. "Desenho desde os seis anos de idade. Na adolescência, adquiri conhecimento sobre os materiais artísticos sob a orientação do artista plástico Josildo Dias, que foi meu professor de artes por quatro anos, no Centro Cultural Piollin", contou.

O trabalho deu certo. Caio absorveu os ensinamentos e hoje suas fotos restauradas se confundem facilmente com fotografias em alta resolução. "Busquei me aprofundar no conhecimento de artes e materiais, estudando vários livros, aprendendo sobre museus do

mundo inteiro e seus trabalhos de conservação. Aprendi várias técnicas de pintura, entre elas, afresco, acrílico, têmpera, aquarela, pintura a óleo", relatou.

O restaurador também está concluindo o curso de História na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e faz uma viagem no tempo, aproximando o público da história da Paraíba por meio de sua arte. "Em minha formação como professor vi a importância de preservar documentos históricos e a memória. Sempre fui apaixonado pela Paraíba e sua História que daria vários livros de tão rica que é, e personagens reais incríveis. Senti a necessidade de ajudar de alguma forma, chamar a atenção dos paraibanos para sua própria História, e que o trabalho fosse usado de maneira didática para os alunos das escolas do Estado", comentou.

Emerson participou de uma exposição coletiva no Casarão dos Azulejos quando era aluno do Centro Cultural Piollin. Várias de suas obras foram vendidas para outros estados e até para o exterior. Seus projetos de pinturas são realistas e surrealistas, tendo como tema a Paraíba. Mas ele ainda não possui um ateliê e faz suas restaurações em casa. "Ficaria feliz se alguma galeria se interesse em conhecer meu trabalho e minhas ideias. Foi mais de um ano de pesquisa e trabalhando as imagens. Agora, enfim, posso mostrá-las", disse, orgulhoso, o artista que já restaurou mais de 50 fotos e outras estão em andamento. "A pesquisa dá muito trabalho, pois tento chegar o mais próximo possível do que o fotógrafo quis retratar, a cor, a luz", explicou.

+ Luz, sombra e cores

O restaurador utiliza várias técnicas como pintura à mão, a óleo e aquarela. Na finalização, usa ainda a pintura digital, dependendo do estado da imagem. Há mais de um século já existiam recursos para colorir fotos à mão. No entanto, Emerson associa vários métodos para conseguir o resultado mais hiper-realista possível e um trabalho pode demorar até quatro dias para ficar pronto. "Levo muito tempo na pesquisa, buscando testemunho para saber as cores reais, contexto histórico, estudando o comportamento da luz de cada foto para chegar o mais real possível do que o fotógrafo viu. No meu trabalho, tento de alguma forma homenagear os fotógrafos que fizeram as fotos em preto e branco, pois muitos até hoje são desconhecidos", disse.

No mundo da pintura, há várias técnicas como aquelas usadas por Leonardo da Vinci e Caravaggio, que ainda ajudam a dar profundidade e realismo às obras. "Entendendo de luz e sombra, do comportamento da luz e cores, o artista consegue criar efeitos óticos incríveis. Assim, pelas camadas de cores, vou criando essa ilusão que vemos na natureza", afirmou. "Faço os esboços em desenho e aquarela. Depois, levo a imagem ao computador para terminar a pintura, digitalmente, e ajustar luz e sombra contraste, finalizando para ser impressa", completou. Essas técnicas antigas são a base da pintura hiper-realista.

"Estou muito feliz com vários compartilhamentos das minhas obras e com as reações das pessoas que conseguiram ver os personagens históricos de maneira diferente", disse. "Alguns trabalhos, como a foto de Ariano Suassuna, chegaram a mais de 11 mil curtidas, sendo compartilhadas várias vezes, chegando a um público de mais de 120 mil pessoas", comentou.



Poetisa e professora Anaide Beiriz, no início do século 20



Assis Chateaubriand, pioneiro da TV brasileira



Músico Suvuca, durante o Festival da TV Tupi



Escritora e poetisa paraibana Iracema Feijó

Paulo Rosendo

O “Voz de Ouro” da rádio paraibana

Lucilene Meireles
lucileneireles@gmail.com

Uma voz poderosa, inconfundível e que foi símbolo da Rádio Tabajara por mais de 25 anos. Pai de cinco filhos, ligado à família, aos amigos e ao trabalho. Um boêmio que adorava se reunir com os colegas, jogar conversa fora, curtir a vida. Esse era Paulo Rosendo da Silva, cujo timbre singular o levou a ser comparado ao apresentador de tv Cid Moreira. Há 29 anos, o radialista da voz de ouro partiu para outra dimensão, mas seu nome ficou impresso na história do rádio brasileiro, e sua alegria se mantém viva na memória de quem o conheceu.

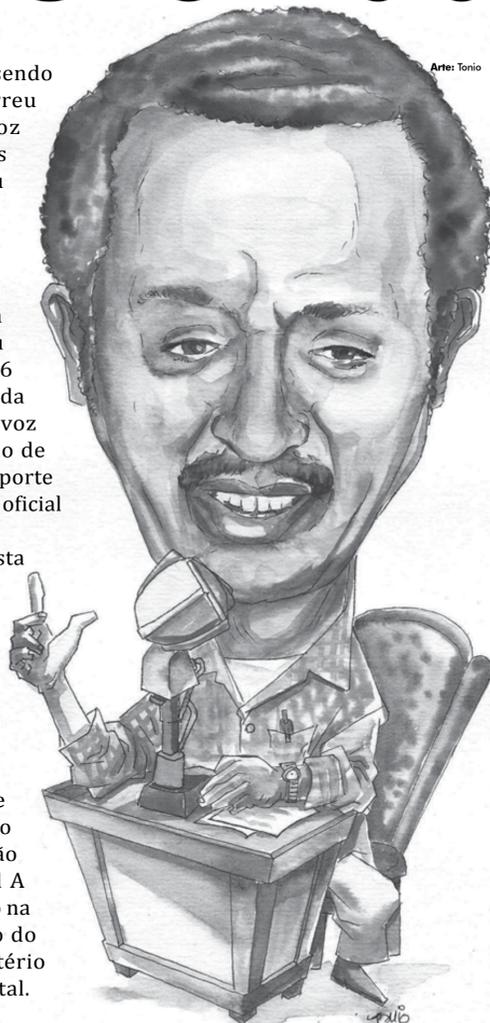
“A primeira lembrança que me vem de Paulo Rosendo é a do boêmio que gostava de se juntar aos amigos para as costumeiras farras de fins de expediente. E foram muitas as que tivemos. Antes, porém, de conhecê-lo pessoalmente, ouvia respeitosamente sua participação no ‘Informativo Tabajara’, com aquela voz máscula de ator de novela. Também foi mestre de cerimônia em solenidades do Governo do Estado. Não posso dizer que éramos íntimos. Não frequentei sua casa, nem ele a minha. Sabia que tinha mulher e filhos, e uma de suas filhas foi casada com um primo legítimo de Dona Cacilda, minha esposa”, relatou o jornalista Tião Lucena.

Apesar de fazer o trabalho que amava, ganhava pouco como radialista e, por isso, tornou-se agente fiscal, nomeado pelo então governador Wilson Braga, e a primeira coletoria onde trabalhou foi a do

município de Bayeux. “Paulo Rosendo viveu intensamente a vida, morreu relativamente jovem e sua voz ainda hoje é lembrada por todos os que com ele conviveram, ou o escutaram ao longo dos anos”, comentou Tião.

Além do ‘Informativo Tabajara’, o radialista atuou em outros programas da emissora, e sua carreira como locutor começou cedo, quando tinha apenas 16 anos, em uma difusora no bairro da Torre, em João Pessoa. Por sua voz incomparável, conquistou o título de ‘Voz de Ouro’. O prêmio foi o passaporte para compor o quadro da emissora oficial do Estado, a Rádio Tabajara.

Uma das frustrações do radialista foi não ter arquivado seus melhores momentos de atuação na rádio em fitas magnéticas, o que só começou a ser feito após seu diagnóstico de câncer de pulmão. A voz de Paulo Rosendo foi silenciada no dia 7 de abril de 1991. Aos 57 anos de idade, foi vencido pela doença, após vinte dias internado no Hospital Napoleão Laureano, em João Pessoa. A edição de 9 de abril de 1991 do Jornal A União noticiou o velório realizado na Igreja do Carmo, e sepultamento do radialista, que ocorreu no Cemitério Senhor da Boa Sentença, na Capital.



Arte: Tonio

Locutor passou pela radionovela, e se consagrou no noticiário

“Em 1962, quando Adalberto Barreto resolveu introduzir o ‘Informativo Tabajara’, um noticiário curto, que aos poucos se tornaria uma espécie de ‘Repórter Esso’ de João Pessoa, Paulo Rosendo gravou um teste, juntamente com Marconi Altamirando, e a fita foi enviada à Varig, no Recife, que iria patrocinar o ‘Informativo Tabajara’. Depois de uma semana, veio o resultado: Paulo tinha sido o escolhido”, contou o jornalista Lenilson Guedes que, antes de ingressar no rádio, já acompanhava Paulo Rosendo nos noticiários da Tabajara.

Lenilson também lembra que teve a alegria de trabalhar com Paulo Rosendo e chegou a apresentar noticiário com ele. “Quando entrei na emissora, nos idos de 1983, fiz logo amizade com ele. Apresentamos juntos o ‘Jornal Estadual’. Ele fazia dupla com Bolinha. Quando Bolinha atrasava, ele me levava para os estúdios. Muitas vezes, eu já estava no ar quando Bolinha chegava”, recordou.

Dramaturgia no rádio

Segundo Lenilson Guedes, Paulo Rosendo se consagrou na área da Comunicação como noticiário, mas antes também chegou a ser ator de rádio. “A voz de Paulo era inconfundível e admirada por todos. Era o nosso Cid Moreira. Ele começou num pequeno serviço de amplificadora no bairro da Torre e fez quase tudo no rádio. Iniciou

como radioator, no tempo das novelas de rádio, no seu auge, em 1955, quando trabalhou ao lado de Waldere do Nunes, Lucy Camelo, Cilaio Ribeiro, Waldez Silva, Arlindo Delgado, Linduarte Noronha e outros”, acrescentou. Só depois, tornou-se noticiário.

Paulo Rosendo foi a voz padrão do Informativo Tabajara. Seu ingresso ocorreu no final da gestão do diretor Antônio Coutinho de Lucena. Em 1960, a emissora extinguiu o departamento de novelas e o chefe dos locutores, Paschoal Carrilho, convidou Paulo Rosendo para integrar o cast de locutores. A informação está no livro ‘Tabajara - A Rádio da Paraíba’, de Lenilson Guedes. Paulo Rosendo fez o ‘Informativo Tabajara’ de 1962 a 1989.



Foto: Arquivo do Jornal A União

Rosendo foi ator na Rádio Tabajara em meados dos anos 1950, época áurea das radionovelas na emissora

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Jornalistas às turras com o tempo

Deadline, timing, dromologia. O jornalismo e o tempo sempre andam juntos. Sob pressão vivemos todos, seja em redação, seja em assessoria de imprensa. É o “fetiche da velocidade”, tema tão bem tratado pela jornalista e professora Sylvia Moretzsohn. Vivemos às turras com o tempo, contando segundos e minutos. O deadline agora é toda hora. O furo jornalístico sobrevive apenas alguns minutos e logo depois deixa de ser exclusividade de algum veículo. Nem sempre quem faz mais rápido oferece o melhor conteúdo. Sabemos disso, mas a pressa continua. A luta com o computador que dá pau; a internet que não anda; a fonte que não atende o celular; a foto que não existe; o VT que demora a ser editado; a nota da assessoria que não chega.

A tecnologia ajuda, mas também atrapalha. Na hora mais crucial, vai deixar você em situação de risco. Todos já passamos por isso. E sofreremos novamente. É necessário encontrar o timing adequado para dar conta das pautas. As demandas são muitas, e o tempo, exigiu. Para quem ainda se dá ao luxo (sim, é luxo) de fazer matéria na rua, a conta entre minutos, fontes e

gancho nem sempre bate. Está aí a difícil arte de interiorizar o timing exato. De nada adianta ter o melhor texto, a passagem mais criativa, dizem, se o VT não chegar a tempo de ser editado para entrar no programa.

Paul Virílio, um urbanista e teórico das relações entre política e tecnologia, criou o termo dromologia. Refere-se a uma “nova área de estudos interdisciplinares que procura entender como a velocidade empreendida pelas novas tecnologias (velocidade e aceleração de deslocamento e percepção e tempo e espaço), muda essencialmente a natureza dos fenômenos políticos sociais e culturais”. O trecho entre aspas integra o Dicionário da Comunicação, editado pela Paullus e organizado por Ciro Marcondes Filho.

É um livro essencial que me ensina muito, mas que não evita que eu divague e relacione dromologia com dromedários, deserto, oásis... Divagações à parte (nem parece que meu deadline para entregar esta coluna está aqui pertinho, respirando forte no meu canote...), drómos, na verdade, vem do grego e significa corrida. Assim, dromologia é a ciência ou estudo da lógica da velocidade.



Foto: Pixabay

No verbete assinado por Wilson Roberto Vieira Ferreira, absorvo que a tecnologia traz dentro de si a ideologia da lei do menor esforço, da compressão do tempo/espaço pela velocidade. Assim, o avanço nos mais diversos tipos de tecnologia gerou uma certa instabilidade nas antigas formas de socialização e percepção. Nosso cotidiano é acelerado, fragmentado, permeado pela ubiqüidade. Predomina a ideia da velocidade como

algo bom em si mesmo. A pressa — que o ditado há tempos nos ensina ser “inimiga da perfeição” — passa a tomar conta do nosso cotidiano. Tudo se torna para ontem, tudo é fúria, relógio tiquitaqueando, leveza de menos.

Nossos afazeres e prazeres são afetados. Nossa relação com o outro também. Ficamos impacientes. Viramos hamsters preso na roda. Caímos no engodo de produzir, produzir, produzir. Sim, é uma cilada. Uma pauta, por mais que seja cumprida, que gere manchete, cliques e likes, precisa da pausa para gerar reflexão. Seguir de um emprego a outro, de uma matéria a outra, de um release a outro, de uma foto a outra... sem planejamento, análise ou o necessário olhar distante, no fim das contas, é energia jogada fora. É conhecimento que vai para o ralo. É girar a ampolheta, um e outro instante, mas sem se ver na areia que ali escorre.

A propósito: o dromedário não entrou na história por acaso. O termo também vem do grego, dromas kámelos, que significa “camelo de corrida”. Trata-se de um animal ligeiro, de corpo leve. Inquieto por natureza. E que pode correr 6 Km/h por até 18 horas seguidas! Além disso, também tem reações agressivas quando perturbado. Talvez como um jornalista que luta contra o tempo e se esquece de apreciar a vida.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Adelino Moreira: o maior compositor do mundo (Parte 2)

A década de 1950, porém marcada como a “época de ouro”, os anos dourados do glamour e do romantismo. O compositor luso-brasileiro Adelino Moreira conheceu Nelson Gonçalves que desfrutava de grande prestígio com as suas interpretações musicais. Nelson já tinha gravado inúmeras canções do gênero samba-canção, que constituía o arcabouço do seu repertório e os compositores da época eram David Nasser, Custódio Mesquita, Sadi Cabral, Herivelton Martins e muitos outros que, igualmente, tinham suas composições gravadas.

Nos anos cinquenta, as músicas mais executadas eram boleros e sambas-canção que faziam parte da boemia das noites cariocas. O tema abordado nestas canções eram as desilusões amorosas, os amores não correspondidos, as traições e as paixões. Como é sabido, a paixão é um sentimento universal onde qualquer um de nós, em qualquer época de nossas vidas, fomos atraídos por sentimentos e paixões umas incubadas e outras escancaradas.

Como ilustração passo a citar como exemplo de grande repercussão universal: conhecido mundialmente como the voice (a voz), embora o apelido que mais ouviu na vida foi blue eyes (olhos azuis), Francis Albert Sinatra “Frank Sinatra” teve uma paixão de imensurável proporção pela atriz Ava Gardner. Eles eram, claramente, loucos um pelo outro, mas incapazes de encontrar a paz estando juntos.

Volto para o maior compositor do mundo. Adelino Moreira aproveitou o sentimento enraizado do berço português e a paixão dos brasileiros pela boemia. Este foi o mote para ele desenvolver suas canções. Adelino não era um músico profissional, apenas tocava violão. Adelino Moreira, apesar de explorar com maestria as paixões, não era boêmio, não gostava da noite, não era mulherengo. Quando Adelino percebeu o filão que tinha encontrado, começou a produzir quase que, industrialmente, em série as suas composições, mais de cem canções por ano.

Volto para o maior compositor do mundo. Adelino Moreira estava sempre a imaginar Nelson Gonçalves interpretando aquela canção, mas Nelson seria apresentado ao homem que viria a se tornar seu grande parceiro. Logo após ter conhecido Adelino, em 1954, Nelson foi, de certa forma, impedido a se envolver com as ferventes questões que ardiam no caldeirão político do Brasil da época.

A parceria de Adelino Moreira e Nelson Gonçalves e suas músicas ainda levariam mais um tempo até que caíssem feito bomba no boca do povo. O compositor recordou: “Passei dois anos inteirinho gravando com o Nelson, sem muito resultado, até que um dia Nelson falou:

Olha, vou gravar um tango, ‘Esta noite eu me embriago’ e, do outro lado, quero colocar uma música tua”. O outro lado era a canção “Meu vício é você” (que também ficaria conhecida como “Boneca de trapo”), canção que, indo contra todas as expectativas, tomou de assalto as paradas musicais. “Meu vício é você” — ainda que a letra parecesse ser um presságio dos tempos em que Nelson Gonçalves mergulhou no vício em cocaína — era, na verdade, sobre um dos temas prediletos da dupla: as “mulheres da vida”, também chamadas de “perdidas”.

Entre as grandes sambas-canção, um que se destaca pelo seu desenvolvimento no sentido de encontrar a mulher ideal: “Escultura”. Esta canção retrata um tipo de mulher universal, que ao ponto final encontra a “mulher ideal” ao seu lado. Ninguém está imune à primeira paixão por sua professora, pela menina bonita do seu bairro, da sua rua, uma paixão pelas normalistas. Quem nunca sofreu destes sentimentos, certamente, não viveu.

Entre as tantas músicas gravadas por Nelson, “Meu vício é você” é uma das mais conhecidas e apreciadas pelo público. Sua letra é admirável exercício poético de Adelino Moreira. Lançada em 1955, a desacreditada “Meu vício é você” (semelhante ao que ocorrerá com outras muitas apostas do repertório do Nelson), segundo Adelino Moreira, foi um marco da indústria de discos nacional — pela primeira vez na história do Brasil, uma música atingia a marca de 300 mil cópias vendidas.

A canção ainda tem como peculiaridade ter sido gravada quase que de improviso, acompanhada apenas por um regional e uma introdução simples, arranjada por Jacob do Bandolim. Adelino Moreira entregou mais pistas sobre o filão que tinha descoberto e que passara a colocar nas suas músicas: antes de “Meu vício é você”, sucesso significava, no máximo, 15 a 20 mil cópias vendidas. Cantor nenhum vendia mais que isso.

Continua Adelino, “comecei a ver que o negócio, além da dor de cotovelo, o mais seria provocar mesmo. Na realidade, eu já fazia isso com as minhas canções, porém, de uma forma menos focada. Eu

pegava menos fundo. Então, passei a ir mais fundo na dor deorno e nos amores do submundo”.

Com “Meu vício é você” sendo tocada e pedida em todas as rádios do Brasil. Adelino achou que chegara o momento de gravar os dois lados de um compacto, o que, até então, ainda não havia ocorrido. Nelson o interpelou: “Olha, os dois lados não dá. Você não tem todo esse gabarito. Mas vamos ver. Espere um pouco aí”. Dois meses depois, porém, Adelino Moreira apareceu com duas músicas para apresentar ao parceiro Nelson, na intenção de que ele as gravasse. A outra causaria e deixaria, verdadeiramente, uma profunda marca na carreira de Nelson Gonçalves, como também na história da música brasileira: “A volta do boêmio”.

Entretanto, incrivelmente, “A volta do boêmio” só estouraria meses depois. E o detalhe: por pouco a música quase não foi gravada. Nelson não foi muito com a cara da hoje emblemática canção — inclusive chegou a se recusar a gravá-la: achou que a letra da música era muito longa e que, por esta razão, ninguém conseguiria decorá-la. Mas Nelson concordou em gravar “A volta do boêmio”, porém, no começo, o cantor depositou suas expectativas em “Meu desejo”, que como previsto faria com que Nelson lograsse um enorme sucesso.

Mas antes da canção “A volta do boêmio” alcançar a marca espetacular de dois milhões de cópias vendidas do compacto — um recorde fonográfico sem precedentes à época — a música teve de dormir um profundo sono de meses. Nelson recordou: “Gravei o disco completo, com as duas músicas do Adelino (‘Meu desejo’ / ‘A volta do boêmio’). E, no final, aconteceu o que eu previ, ‘Meu desejo’ estourou, sucesso absoluto de vendagem. E ‘A volta do boêmio’ ficou estacionada, a ver navios. Seis meses após, sem que ninguém soubesse como e nem porque, começou a tocar no rádio, zozinha. Foi tocando, tocando, tocando... E naquela ocasião, vendeu mais de dois milhões de discos! Foi recorde absoluto de vendagem no Brasil. Bateu a marca de ‘Meu vício é você’. De lá pra cá, foi uma sequência de sucessos da parceria Adelino Moreira e Nelson Gonçalves.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Ilustração: Pixabay

Mantenha-se presente

Em época tão difícil de negócios que estamos passando, é necessário manter-se presente em tudo que possa colocar sua empresa em ascensão.

Agora é a hora de mostrar por que você está no mercado e por que não desistiu na época mais difícil: no começo da pandemia. Vejo que algumas empresas, no foco maior da pandemia, tiveram um investimento alto em divulgações, planejamentos e até em juntar aliados que pudessem levar o nome de cada empresa nas suas redes sociais. E hoje, simplesmente, deixaram tudo de lado e foram viver suas vidas como se nada tivesse acontecido, ou como se a pandemia não pudesse voltar novamente.

Essa volta é o que deixa uma interrogação muito grande, pois em países como a Europa já se fala em novas multas e novos meios de uma recaída do novo normal, para paralisação mesmo.

O Brasil já está no caos no desemprego, dívidas, empresas falidas, e com uma nova paralisação vai ser o apocalipse.

Volto novamente a tocar na mesma tecla de sempre. O delivery foi a válvula de escape para muitas empresas terem conseguido permanecerem em pé, e distanciar do projeto que estava dando certo quando não havia clientes dentro dos estabelecimentos

não é bom. Lembro que fiz duas Lives no meu Instagram no começo da pandemia e, na primeira, recebi muitas mensagens no meu direct de empresas, desesperadas sem saber o que fazer e como fazer.

Quando falo de empresas, elas eram de todos os tamanhos, de pequena até uma grande. Muitas nem ouvi mais falar, outras seguem conforme o rito do mar.

Esse fim de semana que passou, que incluiu uma segunda-feira de feriado do dia 12 de outubro, pude circular pela cidade e ver que mesmo com um fluxo maior de pessoas na rua, muitos estabelecimentos ainda não reagiram ao novo normal. O que estou querendo dizer é que locais não atingiram a volta de seus clientes antigos e nem chegou os novos. Claro que isso são casos reservados de restaurantes, lanchonetes e espaços de traillers e foodtruck.

Estamos vivendo um momento de ter que estar presente em nossos negócios, estudar, ver o que pode ser mudado, recriar e tentar sair da mesmice e, principalmente, manter as redes sociais em dia e com movimentação e motivação para que os clientes possam ter cada dia mais vontade de conhecer o produto ali apresentado. Essa está sendo sua maior vitrine!

Foto: Divulgação

PRATO DO DIA

Crepe de cuscuz

Ingredientes

- 4 colheres de sopa de flocão de milho
- 3 colheres de sopa de leite para molhar o flocão de milho
- 1 ovo
- 2 colheres de sopa de iogurte natural
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 1 colher de chá de azeite de oliva
- 4 fatias finas de queijo de coalho

Modo de preparo

► Coloque em uma vasilha o flocão de milho e o leite e deixe descansar por um tempo. Em seguida, acrescente o sal e a pimenta do reino a gosto e misture. Acrescente o iogurte natural e mecha tudo juntamente com o ovo.

► Em uma frigideira antiaderente, coloque o azeite, despeje a massa e espalhe com uma colher por toda a frigideira em fogo baixo. Quando ficar no ponto desejado, vire e deixe pelo mesmo tempo, e acrescente o queijo sobre o crepe e sirva acompanhado de uma salada.



QUENTINHAS

- O Sanduba do Careca, uma franquia que nasceu no Estado de Alagoas, vem ganhando cada dia mais espaço na nossa capital, e é um produto de qualidade, sem muitas frescuras, com o sabor diferente. Muito recheio, pão novo e de qualidade, e de um sabor formidável. Vale apenas provar. Seu Instagram: @sandubadocareca.jp, ou pelo contato telefônico 99176-4626.

- A Verd Nova, uma empresa que sempre trabalhou com grandes empresas do ramo de gastronomia, hoje também leva a feira de frutas, verduras e legumes na sua casa. É uma facilidade muito boa. Você passa a lista do material pelo WhatsApp e eles deixam na sua casa. E o melhor é que todos os produtos são de super qualidade. Seu Instagram: @verdnova, ou contato pelo WhatsApp 98880-6659.

- Pizzaria La Mafía Delivery chegou e já está de portas abertas para seu pedido. De quinta a segunda, eles estão atendendo a todo vapor e com muitas promoções diárias. Dá uma conferida na promoção de hoje no seu Instagram @pizzarialamafiadelivery, ou pelo contato 98678-9701.

PITADAS A GOSTO

Tem um dito que fala que o cuscuz é um prato berbere originário do Magrebe (região do noroeste do continente africano). Consiste num preparado de sêmola de cereais, principalmente o trigo, quando a sêmola é amassada à mão com um pouco de água até se transformar em pequenos grãos que devem ser cozidos no vapor numa cuscuzeira e servidos com um molho que pode ter sido feito na parte inferior da cuscuzeira. Na Tunísia, o cuscuz tem "estatuto" de prato nacional, mas em Marrocos e Argélia é praticamente o prato do dia. Mas, na verdade, o cuscuz é daqui de nós mesmos. O Nordeste foi que criou o cuscuz de verdade no milho, e dá uma sustância arreitada diária. Seja qual hora for, é bom demais!

“ Não há reconhecimento da importância de um problema filosófico sem que haja a vivência desse problema ”

Leonardo Tavares



Presença

no dia a dia do homem comum em busca do significado da vida

“

“Nada do que foi será/ De novo do jeito que já foi um dia...”

“ A Filosofia é fundamental, presente em tudo e o ser humano, independentemente do seu grau de estudo, está sempre filosofando ”

Wellington Pereira



Filha das crianças e mãe das ciências

“A Filosofia é tão importante e tão presente no nosso dia a dia que, além de sua consolidação no segundo grau, já poderia integrar também a grade de disciplinas do Ensino Fundamental. Se colocam Religião, por que não Filosofia?”, defende e questiona o professor José Flávio Silva, um dos que mais lutou na Paraíba pela inclusão da disciplina no Ensino Médio.

Para ele, o que muda nas diferenças de escolaridade e idade são os métodos de ensinar e aprender. “A lógica a ética e a metafísica, por exemplo, às vezes, nos saltam numa pergunta de criança, algumas delas tão intrigantes que deixam adultos sem saber o que responder”, lembra ele, ao observar que, antes ou paralelamente à aprendizagem da Matemática, da História e do Português, é muito importante aprender a sistematizar o próprio pensamento, aprender a pensar”.

Analisando a Filosofia nesse patamar do ensino e da vida, José Flávio concorda e reproduz reflexões também abordadas pelos seus colegas Leonardo Tavares e Marconi Pequeno. Para eles, não faz nem sentido se perguntar para que serve a Filosofia, porque, como se vê, ela está em todo espaço de ensino e aprendizagem e em quase tudo na vida.

Se hoje se vive num regime democrático, sua formulação inicial surgiu exatamente lá das ideias filosóficas de Sócrates, Platão e Aristóteles; e se se vive num governo dividido em três poderes, suas bases vêm das ideias do filósofo Montesquieu. O modelo de civilização e as próprias ciências modernas emanam todas elas das noções de razão, conhecimento e métodos, que tiveram origens nos filósofos Francis Bacon, René Descartes, Isaac Newton, entre outros.

“É justamente por isso que a Filosofia é considerada a mãe de todas as ciências”, resume José Flávio, ao salientar que, “mesmo o conhecimento e a discussão desses aspectos sendo mais estudados e praticados pelo profissional de Filosofia, pelo professor, pelas academias, é a tradição dessa sabedoria que se vivencia e que, de alguma forma, também se reflete e se perpetua pela vida do homem comum”.

Segundo José Flávio, é essa tradição milenar que vem da Grécia e da Europa que também faz, em termos de nomes, países como o Brasil não serem tão reconhecidos na Filosofia. “Mas o Brasil também tem Filosofia e filósofos. Para ficarmos em apenas dois exemplos: o Matias Ayres, que foi contemporâneo de Kant, e nosso conterrâneo Pedro Américo, cujas conferências eram muito requisitadas pela Europa”, disse.

Aí vem a pergunta que não quer calar: então, José Flávio, diante de todas essas informações relacionadas ao dia a dia e ao mundo da sabedoria, então o que é e para que serve mesmo a Filosofia? E ele destaca: “É reflexão. É perguntar. É disso que nasce tudo. E é por isso que ela serve pra tudo”, conclui.

“ Essa imagem de coisa distante (...) é fruto também de não se perceber nela [a Filosofia] o mesmo resultado que, no dia a dia, se percebe facilmente nas ciências, como a médica, a contábil e tantas outras ”

José Flávio Silva



Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Para a grande maioria das pessoas, a Filosofia aparece sempre como uma coisa distante do cotidiano, sem utilidade prática e, a exemplo da poesia mais rebuscada, como coisa daqueles indivíduos que estão sempre com a cabeça nas nuvens ou no mundo da lua mesmo.

Pode ser, mas é preciso considerar que, numa praia, por exemplo, quando a pessoa para, se espanta, fica admirada e refletindo sobre a imensidão do mar, e quando, por qualquer motivo, ela começa a pensar ou conversar sobre o significado da felicidade, da ética, do amor ou mesmo sobre os mistérios da morte, mesmo não estando anotando nem sistematizando nada, de certa forma é Filosofia que essa pessoa está praticando.

“Claro que sim”, confirma o professor José Flávio Silva, mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ao explicar que essa imagem de coisa distante é cultural, e vem da relação que as pessoas costumam fazer dela com pensadores como Hegel e Marx. “Além disso”, continua Flávio, “é fruto também de não se perceber nela o mesmo resultado que, no dia a dia, se

percebe facilmente nas ciências, como a médica, a contábil e tantas outras”.

Apesar disso, a Filosofia é tão colada à realidade que, percebida ou não, mexe com as pessoas até mesmo no entretenimento. É porque, quando se liga um rádio, artistas como Raul Seixas, por exemplo, estão sempre por lá lançando filosofias ao ar. E tem um pop star que chega a ser didático: “Nada do que foi será/ De novo do jeito que já foi um dia/ Tudo passa, tudo sempre passará/...”. Olha aí Lulu Santos e Nelson Mota filosofando!

Como assim? Ora, o “tudo passa” é “mudança, transformação permanente das coisas”, uma reflexão colocada em pauta antes de Cristo por Heráclito, um filósofo grego que, “por causa disso, terminou considerado um dos precursores da dialética”, observa Marconi Pequeno, pós-doutor em Filosofia pelas Universidades de Montreal e de Paris, além de professor da UFPB.

“Não há reconhecimento da importância de um problema filosófico sem que haja a vivência desse problema”, complementa Leonardo Tavares, mestre pela UFPB, doutorando pela Universidade de Coimbra e professor de Filosofia na Escola Cidadã Integral Monsenhor Pedro Anísio, no

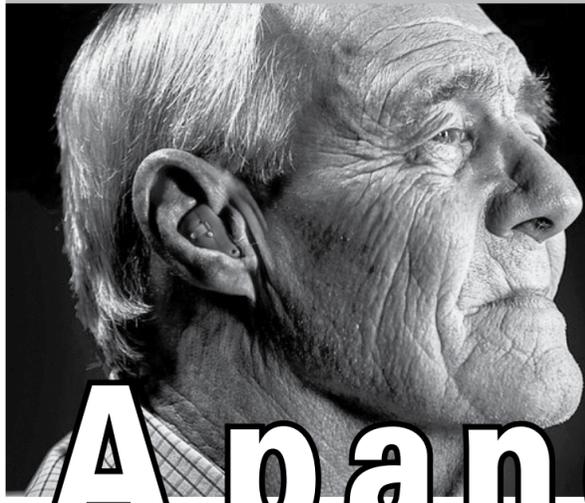
Bairro dos Ipês, em João Pessoa.

Então, a Filosofia não está somente nas universidades e nem somente nos volumosos livros do professor. Ela está por aí. E se, por vezes, ela torna alguém meio diferente, obrigatoriamente não é por esquisitice, não. Pode ser por qualquer outra coisa, até mesmo por auxílio. Tanto que, por falar em música, foi Noel Rosa quem cantou assim: “Mas a Filosofia hoje me auxilia/ A viver indiferente assim/”.

“A Filosofia é fundamental, presente em tudo e o ser humano, independentemente do seu grau de estudo, está sempre filosofando”, sentencia o jornalista, mestre em Literatura e doutor em Sociologia, Wellington Pereira. E acrescenta: “A Filosofia está no dia a dia porque é ela que exercitamos quando refletimos sobre muitos problemas da vida e, também, quando nos espantamos diante dos fenômenos naturais”.

Para ele, “Filosofia não é só uma disciplina que se caracteriza por uma técnica, por um saber sistematizado, desenvolvido nas universidades e dependente de regras. Ela está em todo lugar. Todo ser humano tem um pouco de filósofo, às vezes, até com mais brilho e com mais desenvoltura, como é o caso do poeta popular”, lembrou.





A pandemia e o olhar da Filosofia

Marconi Pequeno
Especial para A União

A situação de pandemia pela qual passa a humanidade traz consigo dilemas, inquietudes e incertezas. Porém, ela também nos revela uma verdade que, às vezes, tentamos ocultar e, da mesma forma, confirma uma certeza da qual queremos nos desvencilhar: a fragilidade do ser humano e sua vulnerabilidade em face dos desígnios da natureza.

Nesse momento em que esperamos ansiosos pela resposta da ciência que possa nos imunizar ou, quiçá, fortalecemos nossos apelos a uma providência divina que venha nos salvar, uma questão se impõe: como pensar filosoficamente a pandemia, esse fenômeno extremo que mudou os nossos hábitos, redirecionou os nossos comportamentos, confinou indivíduos, destroçou economias e fez ruir alguns pilares da nossa civilização? O que a Filosofia tem a dizer sobre algo para o qual ainda não temos respostas? Decerto que as muitas dúvidas não nos impedem de reconhecer algumas evidências.

A primeira delas é que a pandemia tem desencadeado emoções lancinantes, dilemas morais genuínos e enorme confusão política. Ela, inicialmente, engendra experiências sensoriais primitivas, como a empatia, a compaixão, a indignação, a tristeza, o medo e a esperança. No primeiro caso, temos a tendência a cultivar a empatia para com os que sofrem, adoecem e morrem.

Da mesma forma, somos atingidos pela indignação diante do descaso, da corrupção e da falta de escrúpulos de agentes públicos em conluio com empresas privadas.

“
Há, de fato, uma preeminência dos eventos naturais sobre as grandes construções e conquistas humanas (política, economia, cultura, arte, educação, ciência).

“ O que a Filosofia tem a dizer sobre algo para o qual ainda não temos respostas? Decerto que as muitas dúvidas não nos impedem de reconhecer algumas evidências “

Marconi Pequeno



Ao lado de tais sentimentos, vivemos a tristeza pelo confinamento, a angústia em face do imprevisível e, finalmente, o insuperável medo do contágio, da doença, da morte, da crise econômica, do desemprego e de outros efeitos colaterais gerados por esse evento sombrio.

Em um contexto marcado por doença e morte, a medrosidade tem definido o conteúdo dos nossos pensamentos e a amplitude das nossas ações. Por fim, essa situação-limite também desencadeia em todos nós a esperança pelo surgimento de uma vacina ou de um tratamento eficaz. Todo esse complexo mundo de experiências sensoriais determina o conjunto de nossas crenças e também define a nossa conduta em um uni-

verso eivado de incertezas.

Aliando-se a tais choques emocionais, emerge o campo fértil dos dilemas morais genuínos que dizem respeito à nossa sobrevivência em face de um contexto societário marcado pela desvalorização da vida e, sobretudo, pela banalização da morte. Vivemos tais impasses em forma de encruzilhadas morais que se expressam do seguinte modo: como equilibrar saúde, liberdade e sobrevivência diante do conflito entre autonomia da vontade e interesse coletivo?

Devemos aceitar que nossa liberdade seja submetida ao controle e à vigilância em nome da saúde pública? É razoável abdicar do direito de locomoção em troca de segurança imunológica? Além de afetar as nossas cren-

ças, mudar nossas convicções e determinar a nossa conduta, a situação de emergência sanitária é também fonte de problemas bioéticos cruciais.

Alguns deles são representados pelo desafio de equalizar as necessidades das pessoas infectadas e a distribuição de recursos limitados no âmbito do sistema de saúde, ou ainda a ausência de equidade no acesso aos serviços de qualidade e na distribuição dos seus benefícios. Convém destacar que as terapias disponíveis ainda carecem de certeza quanto à sua eficácia. Há, da mesma forma, dilemas representados pelos processos de decisão que impõem escolhas a serem feitas pelos operadores de saúde e os riscos aos quais eles mesmos estão submetidos. Todas essas en-

cruzilhadas revelam a dimensão ética do problema a qual se associam questões de ordem política.

Em sua dimensão política, a pandemia tem se constituído como um terreno fértil para as disputas em várias instâncias do poder, sendo, na mesma medida, utilizada ideologicamente por governantes, partidos ou agentes públicos. Somados a tais negações, existem os instrumentos de manipulação, a doutrinação ostensiva e as informações tendenciosas que ocultam intenções e estratégias de controle da população.

Além de revelar o quão nefasta pode ser a luta desmedida pela conquista e manutenção do poder político, a pandemia deixou ainda mais escancaradas as nossas mazelas, representadas pela vulnerabilidade dos despossuídos, as assimetrias socioeconômicas e a situação de exclusão e abandono de um enorme contingente da nossa população.

Não obstante o acúmulo de incertezas sobre o porvir, esse momento já desvelou a face de algumas verdades. A primeira delas está livre de qualquer dúvida razoável: a natureza continua no comando! Há, de fato, uma preeminência dos eventos naturais sobre as grandes construções e conquistas humanas (política, economia, cultura, arte, educação, ciência).

Mas, como isso pode ser constatado? Ora, um simples vírus pode fazer desmoronar todos os monumentos da civilização e carregar consigo todos os indivíduos da espécie. A segunda evidência consiste na constatação de que a morte pandêmica assinala o fim do otimismo ingênuo no progresso científico. A ciência pode redimir muitos, mas não salvar a todos. Tudo isso enfraquece a nossa obstinação por garantias e segurança e confirma o fato de que viver é navegar em um mar de incertezas.

Uma outra constatação também se impõe: gostemos ou não desse fato, os nossos caminhos estão interligados e a humanidade é uma comunidade de destino. A pandemia tem nos deixado mais uma instrutiva lição: a vida, independentemente do grau de dignidade que ela possua, se impõe como um valor universal a ser cultuado, preservado e celebrado. Finalmente, ela confirma o que teimamos em negar: a cultura é tão somente uma forma de natureza realizada!

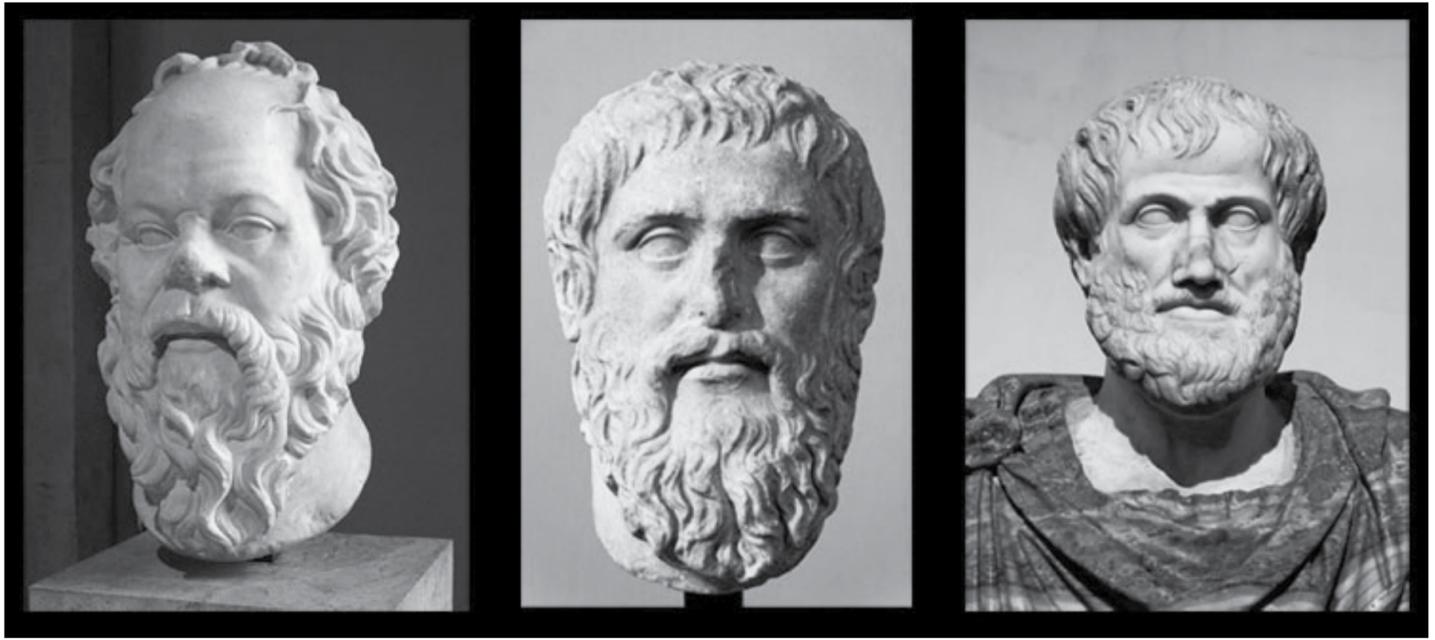


A pandemia, segundo o professor Marconi Pequeno, tem deixado uma lição: a vida se impõe como um valor universal a ser cultuado

Marconi Pequeno é professor titular de Ética no Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); doutor em Filosofia pela Universidade de Strasbourg II; e pós-doutor em Filosofia pelas Universidades de Montreal e Paris X (Nanterre).

Filosofia: a humanidade estaria na escuridão sem ela?

Especialista diz que as indagações são humanas e não estão restritas a um grupo de “experts” e de profissionais



A Grécia Antiga é considerada o berço da civilização ocidental e pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles certamente são os nomes mais conhecidos quando o assunto é Filosofia

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Sócrates, Platão e Aristóteles certamente são os nomes mais conhecidos quando o assunto é Filosofia. A Grécia Antiga, considerada o berço da civilização, ganhou esse termo oficial de criadora da Filosofia. Mas será que uma sociedade de um determinado tempo e lugar é mesmo capaz de reter um conhecimento ou criá-lo? Onde e quando a Filosofia começou a fazer parte da sociedade?

De acordo com o professor e doutor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Valmir Pereira, o pensamento de que a Filosofia é eurocêntrica está consolidada e difundida em todo o ocidente. “A consequência dessa compreensão é, por extensão, a ideia de que a Filosofia nasceu na Grécia e o primeiro filósofo foi Tales de Mileto. Essa compreensão, amplamente difundida secularmente, consolidou a Grécia como berço da civilização e a certeza de que, se não fossem eles, a humanidade estaria na escuridão. Da Filosofia, da Matemática, da Física, da Química, enfim, de todas as áreas, a origem é a Grécia. Mas será que essa é mesmo a história?”, disse.

O professor questiona essa ideia de que nenhuma nação que veio antes dos gregos pensava, contava ou se questionava. Será que a humanidade ficou esperando os gregos existirem para inventar tudo? “O primeiro filósofo grego nasceu em 623 a.C. Os egípcios construíram suas pirâmides em 2630 a.C. sem saber os cálculos necessários para tal empreendimento?”, comentou.

O filósofo e historiador explica que, etimologicamente, Filosofia significa amor à sabedoria. Esse conceito está mais perto de todos do que se imagina. Não é um pensamento apenas para aqueles que se dedicam ao seu estudo, ou mesmo os que transformam esse conhecimento em uma profissão. “De uma forma ou de outra, todos nós nos colocamos em direção à sabedoria. Onde quer que exista um ser humano, há também a experiência humana. Todos, indistintamente, adquirimos e continuamos a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rumos da nossa vida. Nesse sentido, ela está em todos os lugares. Nas aldeias, nas montanhas, nos quilombos e nos palácios”, ressaltou.

A Filosofia não é algo restrito a uma determinada classe de pessoas mais intelectual, por exemplo, ou mesmo a um povo ou nação. O especialista explica que seja com uma indagação sobre a desvalorização do salário mínimo, uma reflexão sobre a alta do preço do arroz, é uma forma de filosofar. “Desde os tempos mais remotos e primordiais, nossos antepassados se dedicam a produzir e a filosofar constantemente sobre todos os aspectos da vida humana. Ao pensarmos sobre a nossa presença e nossa existência neste mundo, estamos filosofando. Essas indagações são humanas e não estão restritas a um grupo de especialistas e profissionais da Filosofia”.

Dessa forma, a Filosofia também pode ser um posicionamento político, por exemplo. “Ela é um dizer não ao que está posto, para que possamos analisar, compreender e depois nos posicionarmos diante dos fatos. É nesse preciso sentido que a Filosofia existe para não darmos de imediato nossa concordância, sem antes ter pensado, analisado e compreendido o que está diante de nós”.

Profunda, concreta e presente em tudo o que fazemos, é assim que o professor define a Filosofia, diferente de algo abstrato como é comum associá-la. “Parece, a princípio, algo distante, presente no mundo das ideias, pura abstração e teoria, sem uma aplicação prática na vida cotidiana. Essas simplificações decorrem de uma das possíveis interpretações e definições do sentido e significado da Filosofia, do seu papel e utilidade para todos os seres humanos”.

+ Preconceito e o amor à sabedoria

Considerando que Filosofia é amor à sabedoria, os povos que vieram antes dos gregos também amavam a sabedoria. O filósofo Valmir Pereira explica que a Filosofia egípcia começou há 2800 anos a.C. com pessoas que viviam na África, no Vale do Nilo. “A palavra Filosofia, na língua do antigo Egito, aparece pela primeira vez em 2052 a.C., no túmulo de Antef I (faraó da XI dinastia, que governou o Egito de 2134 a 2117 a.C.), muito antes da existência da Grécia ou do grego. Assim, fica evidente que ao contrário do que se difunde no Ocidente, a Filosofia não nasceu na Grécia”, enfatizou.

O professor explicou que muitas pesquisas, principalmente após a metade do século XX, apontam um distanciamento da visão eurocêntrica do mundo. Uma delas, escrita por George James, filósofo da Guiana Francesa, em 1954, intitula-se ‘Legado Roubado: Filosofia Grega é Filosofia Egípcia Roubada’. “Nessa obra, o autor começa afirmando que o termo Filosofia grega é um equívoco, pois não existe tal Filosofia. Na segunda, demonstra que os filósofos gregos, desde Tales de Mileto, estudaram no Egito e depois retornaram à Grécia formados na Filosofia egípcia”.

Na opinião do especialista, a Filosofia ocidentalizada não deixa espaços para mulheres filósofas, nem para pessoas de outra raça que não seja a branca. “Assim, na perspectiva eurocêntrica a mulher não pensa e as outras etnias não estão à altura da racionalidade. Eles são homens, brancos, adultos e decidem que os diferentes deles são incapazes. Ao estabelecer que

a Filosofia nasceu na Grécia, estão definindo que todo o conhecimento anterior a esse período não é racional, apenas pertence ao mundo mítico”.

O preconceito e racismo estão enraizados na visão ocidental da Filosofia. Apesar de muito conhecida e a mais ensinada, ela não pode ser considerada a única a reter esse tipo de sabedoria. “Posto isto, consideramos que há muito racismo e preconceito nessa visão ocidental de Filosofia. Há milhares de filósofas com brilhantes contribuições no campo da Filosofia, mas que são desprezadas pelo machismo filosófico. A Índia, a China, Irã, Iraque e países da África, com histórias mais antigas que a própria Europa, estão fora dessa visão filosófica acima apresentada”.

Além de alimentar o preconceito, esse tipo de pensamento de que a Filosofia é eurocêntrica, faz com que ela fique ainda mais distante das pessoas, a tornando abstrata. O pensamento filosófico não pode ser refido a uma classe, uma etnia, ou um tempo, ele está em todos e é para todos. “Uma sociedade diversa, apenas com pensamentos brancos, torna-se cenário para variadas formas de ódio ou mesmo recusa em estudar teorias sem contemplar a realidade. Aí a Filosofia vira pura abstração”.

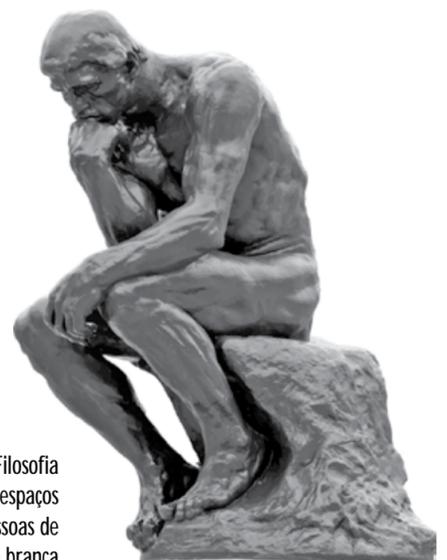
“Todos nós nos colocamos em direção à sabedoria. Onde quer que exista um ser humano, há também a experiência humana. Todos, indistintamente, adquirimos e continuamos a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rumos da nossa vida”



Valmir Pereira

“Os gregos estudaram no Egito e retornaram à Grécia”

Na opinião de especialista, a Filosofia ocidentalizada, eurocêntrica, não deixa espaços para mulheres filósofas, nem para pessoas de outra raça que não seja a branca



Expansão do pensamento e a era medieval

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

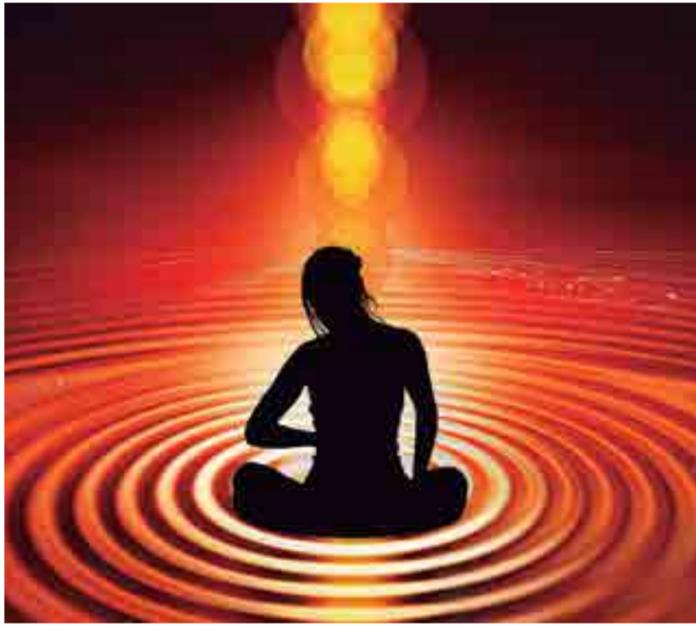
Entre o campo da Filosofia estão as religiões. A partir de suas crenças, elas criam ideias e conhecimento baseado em sua fé. Um exemplo disso é a Filosofia medieval, uma área do conhecimento que pode ser definida como uma relação entre o Cristianismo e a razão guiada pela fé.

De acordo com o professor e doutor em Ciências das Religiões Roberto Veras, membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião (ABFR), o período medieval, entre os séculos V e XV, foi fundamental para o desenvolvimento filosófico do ocidente. “Apesar de possuir um cunho etnocêntrico, os diversos pensadores medievais colaboraram de maneira significativa para a estruturação de bases conceituais e modificaram substancialmente o modo de pensar do ser humano”.

O especialista explicou que isso ocorre logo após um desligamento do pensamento europeu que acreditava em vários deuses, venerados sobre toda a Grécia Antiga. Durante essa transição, surge a figura de Jesus Cristo. “Ele surge como único elemento metafisicamente venerado com a promessa de vida eterna. Nos séculos I e II, a busca pela expansão do pensamento cristão se estabelece pelos primeiros sacerdotes e padres da igreja, fomentando assim uma dissipação das escrituras sagradas, bem como dos milagres de Cristo”.

O primeiro filósofo de Cristo no meio pagão foi Paulo de Tarso, de acordo com o professor. Nesse momento, a fé cristã se eleva trazendo esperança e confortos para o pós-vida. “A religiosidade e o fenômeno sagrado estabelecem a verdadeira manifestação hierofânica para que o homem consiga viver em plenitude tanto no mundo físico quanto metafísico”, explicou.

Com os padres apologistas, uma nova fase no mundo medieval teve início. Durante os séculos III e IV, o pensamento filosófico atrelado a Deus começa a ganhar uma sofisticação. “A liberdade, livre-arbítrio, vida e morte e o mal. Essas e outras questões são dialogadas e respondidas por diversas autoridades da igreja. Os doutores do conhecimento formam uma parte privilegiada do clero, pois grande parte da população não tinha acesso à educação”, disse.



Nesse período, surge a célebre frase de que o período medieval seria a “idade das trevas”. Na opinião de Roberto Veras, essa afirmação não deve ser aceita, principalmente porque foi nessa época em que ocorreram diversos avanços científicos, criação de universidades e a difusão do conhecimento. “O avanço sobre o pensamento greco-romano se dá através dos bons argumentos, sobretudo no Império Romano a fé cristã avança com a figura de Justino Mártir, Orígenes de Alexandria e Tertuliano. Seus pensamentos são paulatinamente orientados pela religião cristã e baseadas sobretudo na fé”.

Um dos principais interesses da Filosofia patristica, que teve como principal figura Santo Agostinho de Hipona, apresentada entre os séculos IV e VII, era a adaptação dos ensinamentos de filosofia grega aos conceitos cristãos. “Um exemplo disso é a

duplicidade de mundos elaborada por Platão em sua metafísica com o mundo sensível e inteligível. Sendo assim um dos pontos necessários para a elevação do conhecimento, chegando ao bem supremo, ou seja, Deus”, comentou o filósofo.

Enquanto esse tipo de Filosofia elabora a união do conhecimento entre fé e razão, sendo a fé mais importante, no movimento da Filosofia escolástica, que ocorreu do século IX ao XV, a proposta é que ocorra o conhecimento de Deus através de meios lógicos e racionais. “A grande figura que temos como referência é São Tomás de Aquino e sua obra ‘Summa Teológica’, estabelecendo os princípios para provar a existência de Deus. Seus ensinamentos são pautados na inspiração aristotélica de sua metafísica. Através desses apontamentos conseguimos apresentar de maneira ampla uma forte influência do Oriente sobre o Ocidente”.

Apesar de possuir um cunho etnocêntrico, os diversos pensadores medievais colaboraram de maneira significativa para a estruturação de bases conceituais e modificaram substancialmente o modo de pensar do ser humano



Roberto Veras

Filosofia asiática: a morte, a consciência, a vida e o sofrimento

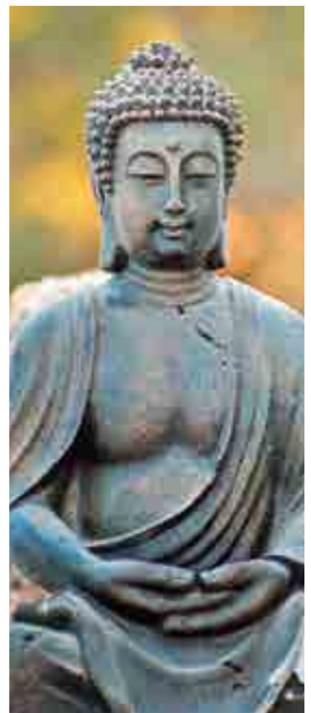
O professor Roberto Veras observa que existem diversas similaridades entre a Filosofia medieval e a oriental, principalmente em conceitos como o da morte, consciência, vida, sofrimento, entre outros. O Hinduísmo, o Budismo e o Jainismo, por exemplo, podem ser entendidos como filosofias, psicologias e religiões. “Elas apresentam uma resposta muito particular sobre tais problemáticas que fazem o ser humano se questionar e interrogar a todo momento até o último dia de vida”.

A Filosofia indiana, por exemplo, é datada em até 1000 a.C., através de pensamentos e conceitos milenares como karma, dukka e meditação. Apesar de ser uma prática milenar, essa sabedoria traz benefícios que são explorados até os dias de hoje. “Atualmente, em tempos de pandemia, os órgãos reguladores de saúde determinam a prática da meditação e do yoga como forma de distração em tempos de isolamento social. A cultura védica é baseada em quatro pilares que constituem sua base filosófica. São elas: Rigveda, Yajurveda, Samaveda e Atharvaveda. São obras pioneiras que estabelecem um fluxo contínuo entre corpo e alma interconectados constantemente”.

Na opinião do especialista, a Filosofia oriental é a oportunidade para todos aqueles que desejam conhecer a si mesmo. Ele enfatizou que as religiões orientais são fundamentais para os aspectos filosóficos do ocidente. “As sociedades são constituídas sobre o espectro religioso. Nelas, está a base edificante para todo um sistema de aperfeiçoamento público. A realidade oriental é de

buscar um estado de consciência pura na eliminação do sofrimento. A metafísica oriental transpõe a realidade plausível e lógica que o Ocidente condiciona como verdadeiro e axiomático”.

O professor completou explicando que, diferente da Filosofia europeia, a oriental busca o bem-estar geral da sociedade, e não apenas uma sabedoria para uma pequena classe de pessoas. “Hoje, em tempos de isolamento social, a busca pelo autocontrole, flexibilização do corpo e da mente são forma de aliviar a dor e o sofrimento que temos do futuro. Portanto, aqui não tratamos apenas de uma Filosofia elitista do mundo grego concatenada em cadeira racional, antes disso buscamos compreender a verdadeira sabedoria oriental e suas riquezas intelectuais que são revisitadas constantemente pelo homem moderno”.



A Filosofia oriental é a oportunidade para conhecer a si mesmo

